N.º 250 — 11.º ano

16-MAIO-1936

PREÇO-5 escudos

ILUSTRAÇÃO
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: José Júlio da Fonseca
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL – Rua da Alegria, 3o – Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

Administração – Rua Anchieta, 31, 1.º – Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Os cuidados necessários para que a beleza se mantenha, são delicados e requerem uma escolha judiciosa de produtos, destinados a conservar a frescura e o encanto da juventude.

Os produtos de **M.me Campos, Rainha da Hungria, Yildizienne, Rosipôr, Oly, Rodal, Mystik,** etc., são excelentes preparados que conforme a natureza da epiderme, assim devem ser usados. Para cada caso especial da sua pele ou correcção de formas. Consulte-nos e peça catálogos.

ESTABELECIMENTO CIENTIFICO DE CULTURA ESTETICA

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA

Av. da Liberdade, 35 LISBOA Telef. 2 1866

SENSACIONAIS REVELAÇÕES CIENTIFICAS RESULTANTES DE PROFUNDAS INVESTIGAÇÕES

Estudos sôbre Quirologia, Metoposcopia e Astrologia

Segundo os métodos modernos do Prof. FANNY LORAINE

Curiosas divulgações sôbre o Destino. A vida do homem está escrita nas linhas da mão, definida pelas rugas da testa e regulada pelas influências astrais

A quirologia é uma ciência, e como tôdas as ciências, está baseada em verdades positivas, filhas da experiência e que portanto, por serem demonstráveis, são indiscutíveis.

Conhecimento dos carácteres dos homens por meio dos vários sinais da testa. As sete linhas da fronte.
As raízes da Astrologia. A lua nos signos do zodíaco.

Nesta interessantíssima obra qualquer pessoa encontra nas suas páginas o passado, o presente e o futuro.

1 vol. broc. de 186 págs., com 8 gravuras em papel couché e 21 no texto, **Esc. 10$00,** pelo correio à cobrança, **Esc. 12$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73 — LISBOA

A Ciência demonstra como agora se consegue uma

Pele Nova e Branca

isenta **de Pontos Negros e Poros Dilatados**

Eminentes químicos francesess fizeram uma descoberta maravilhosa, graças à qual tôda a mulher pode ter, com facilidade, uma pele nova e branca, em três dias. Após anos de pesquisass, conseguiram encontrar uma nova fórmula, contendo o créme fresco e o azzeite predigeridos, bem como novos eelementos adstringentes que embranqueccem a tonificam a pele.

O Créme Tokalon, Côr Braanca (não gorduroso) é, presentemente, pareparado segundo esta fórmula. Introduaz-se imediata e profundamente nos poros, limpando-os das impurezas que o sabão e a água não eliminam. Os pontos negros são dissolvidos e desaparecem; a pele mais escura e sêca torna-se branca e macia, e os poros dilatados fecham-se. Apenas em 3 dias, o Créme Tokalon, Côr Branca, restitui um rosto novo, duma beleza rara e dum frescor tal e que é impossível conseguir com outra qualquer cousa.

À venda em tôdas as perfumarias e boas casas da especialidade. Não encontrando, escreva ao **Depósito Tokalon** — 88, Rua da Assunção. Lisboa — que atende o mais depressa possível.

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º
TELEFONE: — 2 0535

N.º 250 — 11.º ANO
16 — MAIO — 1936

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

CRÓNICA DA QUINZENA

A Espanha acaba de eleger, para o exercício da sua magistratura suprema, o estadista D. Manuel Azaña. Não podia ter sido mais acertado, dentro da orientação actual da política espanhola, o voto dos deputados e «compromissários» a quem, pela Constituïção, incumbe a escolha do Chefe do Estado.

D. Manuel Azaña é, de facto, a figura de maior relêvo no país vizinho e amigo. No decorrer da política agitada dos últimos anos, soube conquistar, pelo seu talento e honestidade, o maior prestígio. E êsse prestígio traduziu-se na eleição por um expressivo número de votos.

Não nos pode ser indiferente ver assumir a Presidência da República Espanhola uma figura de tão alto relêvo moral. E por isso aqui registamos o facto, certos de que êle corresponderá para a Espanha ao comêço duma era de paz pública e generosa política.

■

Badoglio chegou a Adis-Abeba com as suas tropas, ao mesmo tempo que o Negus fugia para a Somália Francesa e dali seguia num cruzador inglês a caminho da Palestina.

Com êstes dois factos terminou virtualmente a guerra na Abissínia, mas da forma menos consentânea com os princípios do direito internacional.

Os paladinos da causa etíope — que os há espalhados pelo Mundo inteiro — não perdoam ao Negus esta retirada desairosa. Milhares de timoratos, incapazes de incorrerem no menor risco da vida quotidiana, censuram-no por não ter sabido morrer no seu posto. Teriam preferido glorificá-lo como um heroi a lamentá-lo como um exilado.

Hailé Salassié entendeu porém que melhor andaria, pondo-se a salvo, perdidas as esperanças de deter o seu poderoso inimigo. Político hábil, é contudo um guerreiro medíocre. Retardou enquanto pôde o momento de assumir o comando supremo da luta contra o invasor. Não herdára para isso o génio militar de seu pai, o célebre «rás» Tafari. Conhecia por certo melhor que Menelik os meandros da diplomacia europeia, mas está longe de possuir as qualidades do seu glorioso antecessor. O primeiro embate com os italianos tirou-lhe as últimas veleidades de resistência. Não estava normalmente talhado para herói. O que nada tem de ver, afinal, com a justiça da sua causa.

Fugiu. Vai passar a viver um exílio dourado, disposto a bater-se ainda... no Conselho da S. D. N. onde o único risco que corre é o da desilusão.

■

Se o mundo se governasse com sentimentos, tudo seria bem diferente.

Quando ao abrir-se a sessão do Conselho da S. D. N. do passado dia 11, o barão de Aloisi protestou contra a admissão do delegado etíope Wolde Mariam, êste ergueu-se, e perante o nervosismo mal disfarçado dos diversos delegados, pronunciou um curto discurso. Falou um francês deficiente, mas as suas palavras calaram fundo em todos os ânimos. Se fôsse preciso, nesse momento, o Conselho teria votado uma segunda e mais energica condenação moral da Itália.

Êste triunfo duma oratória simples e sincera foi porém, efémero. Poucas horas depois os membros do Conselho acordavam entre si adiar

D. Manuel Azaña, novo presidente da República Espanhola

para 15 de Junho a discussão espinhosa do caso etíope. A política de realidades sobrepunha-se à dos sentimentos.

Este caso recorda-nos outro que nos foi contado pelo nosso brilhante camarada da Imprensa Augusto Pinto. Quando em Genebra foi conhecida a agressão japonesa contra a China, os jornalistas dêste país ofereceram aos seus camaradas estrangeiros uma recepção num hotel da cidade. A festa decorreu animada e a ela assistiram os correspondentes dos jornais de todo o Mundo, com excepção, como é natural, dos japoneses. A injusta penetração nipónica na Manchúria foi o tema duma extensa declaração por parte do decano dos jornalistas chineses.

À saída, aquêle nosso camarada e o desenhador Kelen entraram num café, onde se encontravam abancados alguns colegas nipónicos. Houve troca de frases amáveis e Kelen, em tom irónico, deu conta da festa a que vinham de assistir e dos severos comentários que a política expansionista do Japão merecera.

Os japoneses escutaram em silêncio, com o seu sorriso indecifrável. E quando o outro se calou, um dêles fez o seguinte comentário:

— Vocês têm razão. Assiste-lhes o Direito e a Justiça... mas nós precisamos da Manchúria...

■

Desprezando tôda a prudência, Mussolini resolveu anexar pura e simplesmente a Etiópia e colocar a corôa do novo Império italiano sôbre a cabeça de Vitor Manuel III.

Os que conhecem de perto o soberano da Itália afirmam que êle recebeu o facto sem qualquer espécie de entusiasmo. Um jornal francês, «La Tribune des Nations», refere a êste propósito um diálogo entre o rei e o Duce, que por ser provavelmente imaginário, não é menos saboroso.

— A conquista terminou — disse Mussolini por altura da chegada de Badoglio a Adis-Abeba — É preciso pensar no futuro. É a reconstituição do Império romano. Deveis preparar-vos, Sire, para cingir a corôa de Imperador da Abissínia.

Vitor Manuel ergueu os braços ao ceu:

— Eu?! Não penseis nisso. Essa corôa não é para a minha cabeça... Habituastes-me a esquecer-me de que sou rei e agora quereis fazer-me Imperador! Ficai vós, Excelência, com essa corôa.

— Seria um êrro diplomático — objectou o Duce — E eu não estou disposto a cometê-lo.

— Nêsse caso, oferecei-a ao príncipe herdeiro.

Mussolini, diz a história, mordeu os lábios e nêsse dia não voltaram a falar do assunto.

■

Certas pessoas falam do perigo da corrida aos armamentos como se se tratassse duma ameaça mais ou menos iminente e não dum facto positivo e actual.

Ora, segundo certas informações, o Japão está a construir um couraçado de 55.000 toneladas (o maior agora existente é o «Hood» com 42.000). Este monstro custará a fabulosa soma de onze milhões de libras. Mas os Estados Unidos que não lhe querem ficar atrás vão construir dois da mesma tonelagem, e os créditos navais que destinam a essa perigosa concorrência ascendem a 531 milhões de dolares.

Que fará a Inglaterra nesta emergência? Navios de 55.000 toneladas, evidentemente. E como os navios dessa categoria não podem transitar pelo canal do Panamá, os Estados Unidos para manterem a paridade naval tanto no Atlântico como no Pacífico serão obrigados a desenvolver um esfôrço duplo para guarnecer as suas costas oriental e ocidental com êsses prodígios de engenharia.

Se estas notícias se confirmarem, parece-nos que se tornará inutil falar mais no perigo duma corrida aos armamentos.

M. R.

Um aspecto do Ramalhão

Intelectuais e miguelistas

O fim do Ramalhão

Uma ideia linda e uma acção feia

FALOU-SE há dias em transformar o palácio e quinta do Ramalhão em estância de refúgio para os artistas intelectuais batidos pela adversidade. A ideia é linda embora assente apenas em movediços alicerces de poesia.

Pregunta-se agora: êsse velho casarão deshabitado oferece condições de alojamento, ou será necessário derribar paredes para levantar outras, consoante a planta que deverá aparecer na altura competente?

Se fôr preciso fazer nova construção, então melhor será procurar outro sítio em que não se imponha a tarefa de destruir para construir. Assim, os artistas e intelectuais vergastados pelo mau destino poderiam ter o seu refúgio, e os miguelistas que ainda existem não perderiam uma das mais gratas recordações da rainha D. Carlota Joaquina. Não devem esquecer que foi ali que a altiva soberana se conservou, numa espécie de prisão, quando teve a audácia de se recusar a jurar a Constituição de 1822. Ali, na paz do vasto jardim, foram urdidas as mais tenebrosas intrigas que mais tarde frutificariam numa pavorosa guerra civil.

Para que destruir êste palácio tão cheio de tradições? A nosso vêr, deveria ser adquirido pelo Estado e transformado em museu do miguelismo que marcou uma fase, embora sangrenta, na História de Portugal.

Este palácio evoca-nos a *abrilada* que D. Carlota Joaquina engendrou para arrebatar o poder a seu marido, e colocar no trono o seu querido filho D. Miguel que, embora cingindo a coroa, passaria a ser um tutelado seu.

Foi nêsse palácio que D. Miguel esboçou a seguinte proclamação que sua mãi lhe segredava para ser espalhada pelos quartéis de Lisboa:

"Soldados! se o dia 27 de Maio de 1823 raiou sôbre maneira maravilhoso, não será menos o de 30 de Abril de 1824; antes um e outro irão tomar distinto lugar nas páginas da História Lusitana; naquele deixei a capital para derribar uma facção desorganizadora, salvando o trono e o excelso rei, a real família e a nação inteira, dando mais um exemplo de virtude à sagrada religião, que professamos, como verdadeiro sustentáculo da realeza, e da justiça; e nêste farei triunfar a grande obra começada, dando-lhe segura estabilidade, esmagando de uma vez a pestilente cáfila dos pedreiros livres, que aleivosamente projectava alçar a mortífera fouce para acabar, e de todo extinguir a reinante casa de Bragança.

D. Carlota Joaquina

"Soldados! foi para êste fim que vos chamei às armas, plenamente convencido da firmeza do vosso caracter, da vossa lealdade, e do decidido amor pela causa do rei.

"Soldados! sêde dignos de mim, que o infante D. Miguel, vosso comandante em chefe, o será de vós. Viva El-Rei Nosso Senhor! Viva a Religião Católica Romana! Viva a Rainha Fidelíssima! Viva a Real Família! Viva o brioso Exército Português! Viva a Nação! Morram os malvados pedreiros livres!»

Se estas árvores falassem...

Embora, o infante D. Miguel se desunhasse a afirmar as suas boas intenções àcêrca do rei seu pai, êste é que não se deixou convencer. Abandonando apressadamente o Palácio da Bemposta, sôb a protecção do corpo diplomático, foi procurar refúgio seguro a bordo da nau inglesa *Windsor Castle*, surta no Tejo.

Dali enviou ao exército uma longa proclamação que terminava assim:

"Soldados! Não vos culpo do que tendes obrado; vós obedecestes à voz do chefe que eu vos tinha dado; e assim fizestes o vosso dever. Este chefe inexperiente foi arrastado involuntariamente, e por conselhos pérfidos, bem opostos à sua índole natural e filial obediência, contra um pai, e contra o seu rei, ao desacato mais criminoso: Eu lhe retiro a autoridade de que perversos intrigantes, sem nenhum caracter público, lhe fizeram abusar; e vos mando que não reconheçais senão a minha autoridade real, em virtude da qual, restringindo-vos aos deveres militares, que vos são impostos, não useis das armas, que confiei à vossa fidelidade, senão em meu serviço, obedecendo sempre aos chefes que fôr da minha real vontade confirmar ou nomear.»

Foi na solidão dêste palácio que D. Carlota Joaquina pungiu os últimos amargurados anos da sua existência. Os médicos não lhe acertavam com o mal, a ponto de ser necessária a intervenção do médico francês Edmond Bach que, lá dos confins da França, lhe mandava receitas, uma das quais, arquivada pelo erudito epignafista sr. Cordeiro de Sousa, contém os seguintes dizeres:

R. Vini albi generosi arr. j. p.
(libram unam et semis)
Baccarum juniperi, manip. j.
(manipulum unum)
Rad, allii porri, fac. j.
(fasciculum unum)
Lagena operta ad levem calorem per viginti horas et quatuor absque coctione digere, dein, cola.

Como recomendação, o Galeno francês salientava que era necessário beber três meios copos por dia, sendo um pela manhã em jejum. Dizia ainda que não deixassem acabar a provisão para não interromper o tratamento.

Quando esta receita chegou ao Ramalhão, já a rainha se tinha finado há três dias. E daí — quem sabe? — talvez estivesse ali a cura...

Mas estamos a afastar-nos do nosso ponto, citando minúcias do que se teria passado nêsse velho casarão que o 1.º Visconde de Valmôr adquiriu, e que hoje se mantem para as bandas de Sintra com a categoria de pardieiro.

A ideia da criação dum refúgio para os artistas e intelectuais desprotegidos da fortuna é verdadeiramente enternecedora. Mas para que ha de ser levantado no Ramalhão? Por economia? Não, porque as despezas a fazer para que fique uma coisa capaz, ultrapassariam as que se fizessem com uma construção completamente nova.

Porque êste local é o mais salubre para o levantamento dum asilo? Nem falar nisso! Ha melhor, muito melhor por esses imensos arredores alfacinhas.

Para dar cabo dum casarão que pode constituir dalgum modo um monumento à tão discutida mãi de D. Miguel? Ora, deixem-se de fantasias. A formidável conspiradora espanhola, que, com espertezas de cigana e porfias de manchega, conseguiu embrulhar em lôdo e sangue a história da nossa terra durante a primeira parte do século XIX, não ressuscitará, embora muito boa gente o desejasse com o maior fervor.

Descansem que a D. Carlota Joaquina não voltará ao Ramalhão a urdir as suas intrigas tenebrosas.

Essa celebrada quinta que o povo conhece através de trovas mais ou menos livres que a politiquice reles engendrou, deve merecer hoje de todos os portugueses um pouco mais de consideração. Não deitem abaixo o casarão solitário: restaurem-no e ponham lá um museu miguelista que até os pedreiros livres contribuirão com as relíquias que ainda conservam.

D. Carlota Joaquina ainda princesa

Embora tenhamos na devida conta o pouco valor arquitectónico dêsse pardieiro, o nosso amor pelo passado obriga-nos a evocar aquelas famosas linhas de Alexandre Herculano:

"Se eu fôsse rico, iria comprar a capelinha, iria comprar o pardieiro onde houvesse a hombreira gótica: os homens do progresso vender-me-iam isso tudo, porque havia de enganá-los; porque havia de prometer-lhes que converteria aquela em lupanar, êste em casa de câmbio. Depois, eu, que já não tenho pai para afagar nos tédios e dôres da decrepitude, tomaria a meu cargo essas pobres ruinas, ampará-las-ia como um filho, livrá-las-ia dos olhos dos que hoje tudo podem e tudo ousam, e como os cristãos primitivos só a seus irmãos revelavam a existência do altar das catacumbas, assim, nêste quinto império de mentecaptos dissertadores e mexediços, só aos poetas, aos que ainda crêem na arte e em Deus revelaria a existência do meu tesoiro escondido».

Outro aspecto do Ramalhão

E quem nos diz a nós que, ámanhã, inaugurado ali o Asilo dos Intelectuais, não aparecerá de noite o espectro da mãe de D. Miguel a assustar os pobres velhinhos asilados?

Não teria sido assim que surgiu a implacável "Dama Branca» que, desde o século XV vem apavorando os membros da família Hohenzollern?

Não, nada de sustos aos pobres reclusos que, a atiçar os seus terrores, teriam o mal duma vasta cultura. Todos êles saberiam que ali haviam sido jogados várias vezes os destinos dum povo. Além, sob aquele caramanchão talvez tivesse sido declarada guerra de morte aos malhados. Quantos crimes! quantas vítimas! quanto sangue derramado!

— Meu avô — diria um — foi espancado tão barbaramente que morreu três dias depois, deixando a família na miséria. Perseguido, como foi, perdeu tudo, e por isso aqui estou eu como asilado, a receber o pão de esmola!

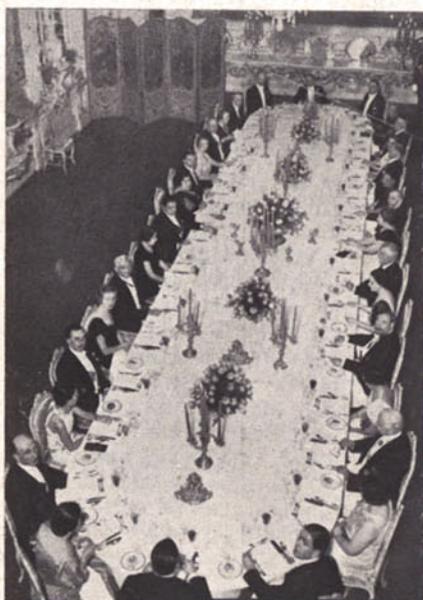
— Uma restituição — salientaria outro — uma restituição embora tardia que me fazem. Meu avô também foi perseguido, mas conseguiu juntar-se aos 7.500 bravos do Mindelo. Estou, portanto, aqui por um direito de conquista.

— Mas aquele banco, aquele banco — declararia outro — há de lembrar-me sempre a D. Carlota Joaquina. Disseram-me que era ali que ela se entretinha a ver trabalhar o seu jardineiro...

Por Deus! evitem essas recordações aos pobres asilados.

A bênção dos bacalhoeiros

No dia 3 do corrente celebrou-se no Tejo a cerimónia da bênção dos veleiros que vão pescar bacalhau nos mares da Terra Nova e Groenlândia. Os ministros da Marinha e do Comércio e o sub-secretário do Estado das Corporações passaram em revista a frota pesqueira que se encontrava embandeirada em arco, oferecendo um admirável aspecto. A bênção litúrgica foi lançada pelo venerando P.e Cruz, que figura na fotografia à direita com os ministros e outras individualidades que tomaram parte na cerimónia.

Banquete diplomático

O sr. ministro dos Negócios Estrangeiros e sua esposa ofereceram, no dia 27 do mês findo, um banquete ao Corpo Diplomático que se realizou no Palácio das Necessidades. Assistiram diversos diplomatas acreditados junto do nosso Govêrno e individualidades em destaque nas Letras. No final houve um excelente concerto de música portuguesa, em que tomou parte uma orquestra dirigida por Ivo Cruz e a cantora Arminda Correia.

O baile do A. C. P. no Casino Estoril

Mais dois aspectos da elegante festa do A. C. P. a que nos referimos no número passado.

MARAT, CALUNIADO

As paixões políticas em França reacenderam-se a tal ponto que nem os mortos escapam à sua sanha viperina. Todos conhecem o enredado romance urdido pelo processo do colar de Maria Antonieta, sendo a desventurada princesa de Lamballe mutilada, não só nas suas carnes, mas na sua reputação.

Chegou agora a vez do formidável Marat, segundo a gentil informação que recebemos do Barão de S. Maduro.

O jornal *Gringoire*, baseando-se nas investigações de Albert Clement, que se entreteve a romanciar a vida de Carlota Corday, diz do implacável Marat o que Mafoma não disse do toucinho.

Começa por afirmar que o fogoso caudilho da Revolução Francesa era filho de um espanhol de apelido Mara e nascera em Boudry, pequena aldeia visinha do Lago Neuchatel, na Suíça.

Salienta que exerceu, nos princípios da sua vida, a profissão de barbeiro, que acumulou, pouco depois, com as funções de professor de desenho e das línguas italiana e espanhola. Diz ainda que afrancezou o seu apelido, acrescentando-lhe um t, e que, aos dezóito anos, entrou como professor em casa de uma abastada família de Bordeus. Decorridos dois anos, Marat seguiu para Inglaterra, onde, durante treze anos, continuou a exercer o mister de professor de desenho e de línguas estrangeiras.

Garante também o referido informador que no ano de 1774, Marat residia em Edimburgo, filiado como tantos ambiciosos, na grande loja maçónica de Londres.

Os mártires Le Pelletier de Saint Fargeau, Marat e Chalier

Até aqui nada objectamos, visto que tudo se ajusta à biografia do fogoso convencional.

O inacreditável vem em seguida, disfarçado neste ramalhete de verdades.

Diz Albert Clement que "Marat obteve em 30 de Junho de 1775, na Universidade de Santo André da Escócia, o diploma de doutor em medicina, título meramente honorífico e que se obtinha, sem prévio exame, pelo preço de dois guineus».

Não foi bem assim. Marat, profundamente inteligente e estudioso, estudou filosofia e medicina durante a sua longa permanência em Londres, publicando em 1773 o "Ensaio filosófico sôbre o homem» que obteve os gerais aplausos da crítica. Os seus estudos sôbre medicina foram coroados pela Universidade de Santo André, na Escócia, começando logo o jovem médico a exercer clínica.

Carlota Corday

Como se dedicou ao estudo da tuberculose, apresentou, a breve trecho, um preparado de sua invenção contra a tísica, invento que o poz em foco, grangeando-lhe grande nomeada.

Regressando à França, foi nomeado médico dos guardas do conde de Artois, e continuou a tratar dos tísicos com tal solicitude e êxito que os seus colegas, não podendo suportar a concorrência, lhe chamaram por ironia o "médico dos incuráveis».

Diz Albert Clement que em 1776, Marat foi contratado como professor de francês na Academia de Warrington, onde se apresentou com o nome de Le-Maitre. No dia 1 de Fevereiro dêsse ano, o jornal *The Gentleman's Magazine* publicava a seguinte notícia: "Um barbeiro suíço acaba de cometer no Museu de Oxford um importante roubo de grande quantidade de moedas e medalhas de valor». As investigações da polícia apuraram que o roubo ia sendo transaccionado na Irlanda, sendo preso, em Dublin, o sr. Le-Maitre. Este nega o roubo e declara chamar-se Mathieu. Uma busca ao seu quarto faz aparecer algumas das moedas roubadas, sendo o ladrão condenado em 5 anos de trabalhos forçados no Tamisa. Ao cabo de um mês fugia, aproveitando a primeira oportunidade.

Marat assassinado

Que razões tem Albert Clement para afirmar que o tal Mr. Le-Maitre era o médico Marat? Porque na sua entrada para a Academia de Warrington, os jornais da época o designaram por Mr. Le-Maitre?

Tenha-se em conta que Marat, dando largas aos seus estudos, escreveu várias memórias sôbre o fogo e a electricidade, e teve a coragem de atacar as teorias de Newton sôbre a luz nas suas "Noções elementares de óptica», que imprimiu em 1784. Pouco depois, a sua memória sôbre a máquina de Marly, grangeou-lhe um prémio honroso da Academia de Ciências.

Três anos passados, apresentando o seu "Plano de Legislação Criminal» patenteou exuberantemente a paixão com que iria lançar-se na acção revolucionária.

Que o apresentem como um convencional rancoroso que contribuiu para incendiar a França com o seu "Ami du Peuple», enfim, vá que não vá.

Mas que o caluniem, acusando-o de *cavalheiro de indústria e charlatão*, é que brada aos céus.

IN NILL EMPORE

A formidável audáci o Marquês de Pombal

Como o insigne estadist ousou falar à Inglaterra

PASSARAM neste mês de Maio que vai correndo os aniversários do nascimento e morte do Marquês de Pombal que tão discutido tem sido, e há de continuar a sê-lo por muitos anos e bons. Tracem-lhe o perfil como entenderem, enalteçam-no ou anatematizem-no, consoante a tendência dos documentos de que se rodeiem, mas não se esqueçam nunca de que êsse estadista patenteou óptimas qualidades para governar um povo, foi porque acima de tudo isso, teve a sorte de viver numa época favorável às suas arremetidas leoninas.

A propósito, evocaremos o incidente com a Inglaterra, no ano da graça de 1759.

O almirante inglês Boscawen, perseguindo uma esquadra francesa, comandada pelo almirante La Clue, alcançou-a perto de Lagos, e aprisionou-a sem o mais leve respeito pela neutralidade portuguesa.

O marquês de Pombal, indignado com êste procedimento, enviou a seguinte carta ao Ministro dos Negócios Estrangeiros de Inglaterra:

"Sei que o vosso Gabinete tomou grande império sôbre o nosso; mas também sei que é tempo de êle acabar. Se os meus antecessores tiveram a fraqueza de vos conceder quanto quizestes, eu nunca vos concederei senão o que se vos dever. É esta a minha última resposta, regulai-vos sôbre ela. Eu vos rogo que me não façais lembrar das condescendências que o nosso Gabinete tem tido para com o vosso: elas são tais, que não sei que alguma Potência as haja tido semelhantes para com outra. É justo que êste ascendente acabe por uma vez, e que façamos ver a tôda a Europa, que sacudimos o jugo de uma dominação estrangeira. Não podêmos provar isto melhor do que obrigando o vosso govêrno a dar-nos satisfação, que por nenhum direito nos deve negar. A França olharia para nós como para um Estado enfraquecido, se não pudéssemos obrigar-vos a dar razão da ofensa que nos fizestes, vindo queimar defronte dos nossos portos, navios que deviam ter ali tôda a segurança.

"Vós não fazíeis ainda figura na Europa, quando a nossa Nação era a mais respeitável. A vossa ilha não formava mais que um ponto na Carta Geográfica, ao mesmo tempo que Portugal a enchia com seu nome. Nós dominávamos na Ásia, na África, e na América, quando vós domináveis sòmente em uma Ilha da Europa. A vossa Potência era do número daquelas que não podem aspirar mais que à segunda ordem; e pelos meios que nós vos demos, a tendes elevado à primeira.

"Esta impotência física inhabilitava-vos para estenderdes os vossos domínios fóra do continente da vossa Ilha, porque para fazerdes conquistas, precisavas de um grande exército, mas para ter um grande exército, é necessário ter meios para lhe pagar: vós não o tinheis: faltava-vos a moeda de contado: os que calcularam sôbre as vossas riquezas acharam que não havia com que sustentar seis regimentos. O mesmo mar, que pode olhar-se como o vosso elemento, não vos oferecia maiores vantagens: com muito custo poderieis apenas equipar vinte nav'os de guerra.

"Há cinqüenta anos, porém, a esta parte, tendes tirado de Portugal mais de mil e quinhentos milhões, soma enorme, e de que a História não fornece exemplo, que alguma nação do mundo tenha enriquecido outra de um modo semelhante.

"O modo de adquirirdes êsses tesoiros foi-vos ainda mais vantajoso que os tesoiros mesmos. Pelas artes é que a Inglaterra conseguiu fazer-se senhora das nossas minas. Despoja-nos regularmente, todos os anos, do seu produto. Passado um mês depois da chegada das frotas do Brasil, não fica em Portugal uma só peça de oiro; tudo tem passado para a Inglaterra, o que contribui ainda hoje, e contribuirá sempre para aumentar a sua riqueza numerária. A maior parte dos pagamentos do banco são feitos com o nosso oiro.

"Por uma estupidez, de que também não há exemplo na História Universal do Mundo Económico, ainda vos demos a faculdade de nos vestirdes, e de nos fornecerdes todos os objectos do nosso luxo, que não é pouco considerável. Damos de que viver a quinhentos mil artistas, vassalos do rei Jorge; população esta que subsiste à nossa custa na Capital da Inglaterra: os vossos campos são quem nos sustenta, substituístes os vossos trabalhadores aos nossos: se antigamente vos fornecíamos o trigo, sois vós quem hoje no-lo fornece: tendes roteado os vossos campos, nós deixamos tornar os nossos em baldios.

"Mas se nós vos temos elevado a êste ponto de grandeza, na nossa mão está o precipitar-vos no nada donde vos arrancamos. Nós podêmos melhor passar sem vós, do que vós sem nós. Basta uma só lei para destruir a vossa Potência, ou, pelo menos, para enfraquecer o vosso Império. Não precisamos mais do que proïbir com pena de morte a saída do nosso oiro, para êle não sair jámais. Respondereis talvez a isto que, apesar da proïbição, sairá sempre do mesmo modo, como sempre tem saído; porque os vossos navios de guerra têm o previlégio de não serem visitados na sua partida, e em conseqüência do dito previlégio, êles transportarão todo o nosso dinheiro. Mas não vos enganeis com isto: eu fiz estrangular vivo o duque de Aveiro por ter atentado contra a vida do Rei; eu poderei fazer muito bem enforcar um dos vossos capitãis, por ter roubado a sua efígie com desprêso das leis. Há tempos em que nas monarquias um só homem pode muito: não ignorais que Cromwell, na qualidade de protector da república inglesa, fez cortar a cabeça a Pantaleão de Sá, irmão de João Rodrigues de Sá, embaixador de Portugal em Inglaterra, por se ter prestado a um tumulto: sem ser Cromwell, estou em estado de imitar o seu exemplo na qualidade de ministro protector de Portugal. Fazei, portanto, o que deveis, se não quereis que eu faça o que posso.

Marquês de Pombal ante os seus julgadores

"Que seria da Grã-Bretanha, se, por uma só vez, se lhe tirasse o manancial das riquezas da América? Como pagaria à imensa tropa de terra, e a essa grande armada de mar? Como daria ela ao seu Soberano os meios de viver com o esplendor de um grande rei? Donde tiraria os grandes subsídios que paga às potências estrangeiras para escorar e firmar a sua? Como viveria um milhão de vassalos ingleses, se se acabasse para sempre a mão de obra de que tira o seu sustento? Em que estado de pobreza não cairia todo o Reino, se êste único recurso lhe faltasse? Basta que Portugal regeite os seus grãos, quero dizer, o seu trigo, para que metade da Inglaterra morra de fome. Vós direis talvez que se não muda com facilidade a ordem das coisas, e que um sistema há muito estabelecido, não pode transtornar-se em um momento. Dizeis muito bem, mas eu direi ainda melhor: o decorrer do tempo é que pode trazer esta reforma: eu estabelecerei um plano preliminar de economia, que se encaminhará ao mesmo objecto. Há muito tempo que a França nos estende os braços para que recebamos as suas manufacturas de lã. A Barbária, abundante de trigos, fornece-nos melhor mercado do que os vossos. Então vós vereis com a maior dôr um dos principais ramos da vossa marinha ficar extinto. Sois muito versados no ministério, e não ignorais que isto é um viveiro de oficiais e marinheiros de que a marinha real se serve em tempo de guerra, e com isto é que vós tendes elevado a vossa potência.

"A satisfação que vos pedimos é conforme ao direito das gentes. Todos os dias acontece haver oficiais de mar, que, por zêlo ou inconsideração, fazem aquilo que não devem; ao govêrno cumpre puni-los, e fazer a reparação ao Estado que êles ofenderam. Todos sabem que semelhantes reparações a não tornam desprezível. A Nação que se presta ao que é justo, adquire a melhor opinião, e da opinião é que depende a potência do Estado».

Conde de Oeiras.

Marquês de Pombal

Acto contínuo, o Govêrno britânico enviou o almirante Lord Kinnoul a dar tôdas as satisfações possíveis. Recebido pelo rei D. José I, o embaixador inglês entregou-lhe uma carta autógrafa do seu soberano, tendo proferido as seguintes palavras:

"Tenho ordem do Rei da Grã-Bretanha, meu augusto amo, de declarar a Vossa Majestade Fidelíssima, que sua Majestade zela muito os direitos dos soberanos, e em particular os respeitos devidos à honra da corôa de Portugal, motivo pelo qual soube, com grande desgôsto, do incidente imprevisto e desagradável, acontecido junto de Lagos.

"Estes sentimentos de Sua Majestade foram-lhe suficientes (apesar de quaisquer dúvidas que lhe pudessem apresentar) para me encarregar desta missão extraordinária junto de Vossa Majestade Fidelíssima, com o fim de desaprovar em nome de Sua Majestade Britânica tudo quanto no calor da acção tivesse podido fazer a mais pequena ofensa às imunidades da costa de Portugal, como inteiramente oposto às suas régias intenções, das quais um dos assuntos mais caros tem sido e será sempre o de conservar inviolàvelmente a mais estreita amizade entre a sua Corôa e a de Portugal.

"É para êste fim, Real Senhor, e pelos motivos de uma distinta afeição, que o rei, meu amo, considera como um prazer, o dar a Vossa Majestade êste patente testemunho da sua sinceridade, e da extensão dos seus respeitos para com Vossa real pessoa, bem como da sua extensão particular à Vossa Corôa.

"Tenho, além disto, Real Senhor, as mais rigorosas ordens de assegurar a Vossa Majestade que foi muito viva a sensibilidade com que o rei, meu amo, foi comovido por causa dos factos acontecidos na Vossa Corôa, os quais felizmente para nada mais serviram, senão para patentear cada vez mais a tôda a Europa, a magnanimidade e sabedoria de Vossa Majestade.

"A carta, que tenho a honra de apresentar a Vossa Majestade confirma tais sentimentos do rei, meu amo, os quais eu acabo de expor mais desenvolvidamente a Vossa Majestade, bem como a sua completa confiança na amizade recíproca de Vossa Majestade, cuja experiência lhe tem subministrado tantas provas».

A soberania portuguesa (gravura de Vieira Lusitano)

Já lá vão quási dois séculos! Hoje, o marquês de Pombal teria de reprimir a sua audácia e guardar na sua mente indignada o atrevido *ultimatum* que teve o arrojo de escrever e assinar com a petulância dum Cromwell. A grandeza do seu poder realçou perante o mundo porque teve a macieza da sua época a emoldurá-la.

Hoje o arrojado Conde de Oeiras não tinha o direito de existir.

HUMORISMO

— E agora, meu filho, imita lá a Shirley Temple, para estas senhoras verem.

O director duma cadeia tornara-se notado pelas suas amplas reformas dos métodos prisionais e pela sua grande filantropia. Uma das manifestações do seu espírito generoso consistira em introduzir desportos entre os presos, obviando assim aos perigos e inconvenientes da reclusão. Mas esta inovação, que foi a princípio recebida com grande entusiasmo pela população da cadeia, pareceu a breve trecho já não dar inteira satisfação.

Certo dia, o director mandou chamar um dos presos e falou-lhe do seguinte modo:

— Tenho-vos proporcionado jogos para tornar menos penoso o vosso castigo. Tendes o vosso "team„ de football, praticais atletismo, aprendeis gimnástica. Mas apesar de tudo, sei que não estais satisfeitos. Que mais quereis?

— Para lhe falar a verdade, — respondeu o preso — o que mais nos agradaria seria um pouco de *cross-country*.

■

Há muitas maneiras de obter um divórcio. Mas uma das mais engenhosas é a adoptada por um indivíduo da África do Sul. Como precisasse de apresentar uma justificação perante o tribunal e a mulher se recusasse a dar a sua acquiescência, usou o seguinte estratagema: Partiu para uma viagem e duma das localidades do percurso enviou à mulher três telegramas. O primeiro dizia: "Seu marido gravemente doente. Venha imediatamente„. O segundo acrescentava: "Seu marido moribundo chama-a„. E o terceiro, finalmente: "Seu marido morreu„.

Sem perda de tempo a mulher apresentou para receber o seguro de vida do marido. Em vista de que o tribunal reconheceu ao homem o direito de se divorciar.

■

Numa tertúlia espanhola, discutiam-se há tempo as vantagens e inconvenientes do celibato. A propósito alguém pediu a definição do homem solteiro e entre as respostas houve a seguinte:

"Um celibatário é um homem que só tem que pedir desculpa quando efectivamente se engana„.

■

Reflexões a propósito do para-quedas:

O para-quedas é um personagem terrível que só diz "sim„ ou "não„.

Nunca tenha receio de que o seu para-quedas não funcione. Não voltará, nesse caso, a servir-se dêle.

O vendedor do para-quedas para um cliente:

— E se não funcionar podemos substituí-lo...

■

— Viu alguém suspeito na sua área, a noite passada — preguntou o chefe da Polícia a um dos seus agentes.

— Sim senhor. Vi um indivíduo que me chamou a atenção. Preguntei-lhe o que fazia por ali e se morava nas proximidades...

— E êle que respondeu?

— Que morava longe, mas pensava abrir um estabelecimento cá no bairro...

— Pois foi o que êle fez. Abriu uma mercearia e levou o dinheiro em caixa.

— Ora aí está! Pode chamar-se-lhe ladrão, mas não se pode dizer que seja mentiroso.

■

O professor estava explicando aos alunos a utilidade de alguns animais domésticos, entre êles o porco.

— Do porco aproveita-se a carne — dizia êle — que preparada de certa maneira dá o presunto e o fiambre. A gordura ou toucinho é também muito apreciada. Das cerdas fazem-se escôvas. Alguém sabe de mais alguma aplicação que se dê ao porco.

— Sim, senhor professor — disse um dos alunos mais novos — Aplica-se o nome dêle quando se quere ser desagradável a alguém.

■

— Papá — dizia uma garota de cinco anos — tens mêdo das almas do outro mundo?

— Eu não, minha filha — respondeu o pai a rir.

— E das trovoadas?

— Também não.

— Mesmo que sejam muito fortes?

— Por mais fortes que forem.

Houve um momento de silêncio, que a petiza quebrou com uma nova pregunta.

— Mas então, papá, a única cousa de que tens mêdo é da mamã?

■

François Moinar, autor de "Liliom„, levanta-se habitualmente muito tarde. Nada consegue arrancá-lo da cama antes das 2 horas da tarde. Há tempo recebeu porém uma intimação para ir depor como testemunha num julgamento que se realizava às 8 e meia da manhã.

Faltou a primeira vez, mas na iminência da prisão e duma pesada multa, decidiu-se a comparecer à segunda intimação. Dirigiu-se para o tribunal acompanhado por um amigo. Mas ao notar o movimento das ruas às 8 horas da manhã murmurou estupefacto:

É espantoso! Tantas testemunhas!

— Maldita casca de laranja!

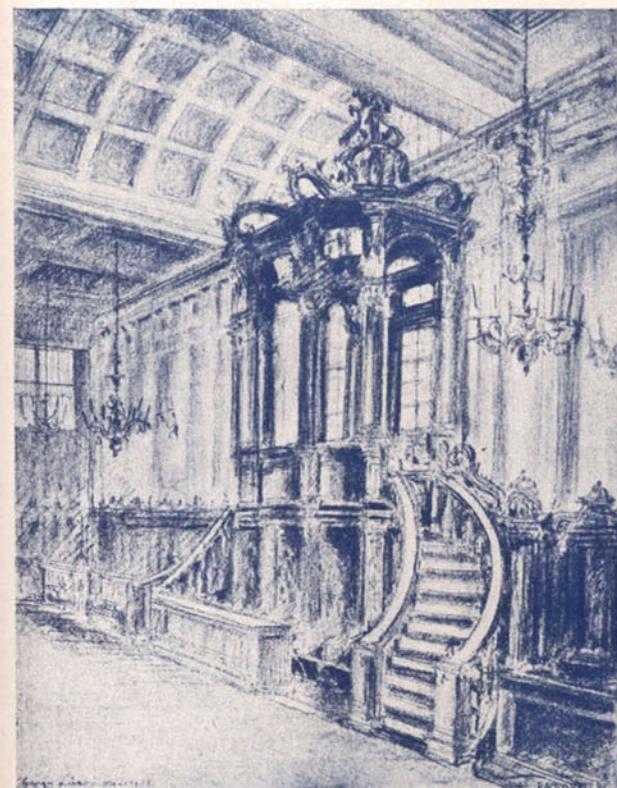
Lukomski — pintor de sinagogas

George Lukomski, o pintor sem pátria que há quinze anos tomou a nacionalidade francesa, continua a correr mundo e a deslumbrar as grandes capitais com as maravilhas do seu talento.

Russo de nascimento, os seus méritos elevaram-no a conservador de um museu de S. Petersburgo e a membro da Academia russa de Belas Artes. Deflagrando a revolução bolchevista, emigrou para a França, e ali continuou a dar largas ao seu engenho. Tão bem se comportou que, numa capital como Paris, onde os pintores são aos milhares, conseguiu destacar-se e obter tão extraordinários êxitos que é laureado da Academia Francesa e sócio da Academia Francesa de Belas Artes.

Nada sabemos àcêrca da sua verdadeira raça, mas tudo leva a crêr que se trata dum judeu, a avaliar pelo carinho que lhe merecem as velhas sinagogas da Europa. Seja o que fôr, podemos considerá-lo o verdadeiro judeu errante da Arte.

A' semelhança do Ashaverus da lenda, não pára muito tempo no mesmo país. A sua vida é correr mundo, na ânsia de novos ares e novas inspirações.

Entrou em Portugal, extasiou-se durante algumas horas ante a beleza da nossa paisagem. Em seguida, partiu para Madrid, onde está como pensionista francês, na Casa de Velazquez.

Não pára, não pode parar.

Durante a sua curta permanência entre nós, disse-nos maravilhas de tudo o que viu e observou, e que por certo vai reproduzir pelo seu pincel mágico. Para melhor provar a boa impressão que a nossa terra lhe deixou, elaborou o plano de realizar aqui duas exposições que hão de dar que falar. Uma delas constará das suas pinturas e quadros das velhas sinagogas europeias, entre as quais destacará a de Duke's Place, de Londres, a de Portsmouth e a de Lincoln, as francesas de Carpentras, de Cavaillon e de Metz, as húngaras de Budapeste e de Varpalata, a romena de Jassy, as alemãs de Worms e Koenigswart, as checoeslovacas de Praga, a lituana de Jourbaekás, a jugoeslava de Serajevo, as russas de Witebsk e de Snitkowo, a italiana de Veneza, e as espanholas desta cidade, e de Pádua, e as polacas de Ostrog, Pieczenierzyn, Yodwabna, Zawichose, Szxdlow, Grojec, Husiatyn, Lublin, Lancut, Vilna, Chmielnik e Grodno. Trabalhos primorosos que, pertencendo na sua quási totalidade a Mr. e Mrs. Sieff, de Londres, foram gentilmente emprestados com o único propósito de propagar o espírito judaico.

Como se vê, a campanha sionista vai alastrando. A outra exposição do pintor Lukomski constará de trabalhos executados durante a sua permanência em Itália.

Êle próprio explica:

"Exporei, naturalmente, alguns "ghettos„. Mais dois terços das obras expostas serão reproduções de esculturas das *villas* cardinalícias, dos jardins e das fontes de Roma e dos seus arredores. Durante a minha estada na *villa Farnesio*, na *Carparella*, na *Bagnaia* e na *Soriano*, e enquanto desenhava e pintava essas esculturas, fiz uma descoberta: os seus autores foram os discípulos de Miguel Angelo. Assim, ao passo que na exposição para os israelitas os caracteres dominantes são a arquitectura e a evocação das velhas sinagogas, na que tenciono realizar na Sociedade Nacional de Belas Artes terão um lugar primacial a escultura e o desenho. Estou convencido de que os meus quadros interessarão, não só os pintores modernistas, mas todos os outros artistas e os críticos, tão grande é a confiança que tenho no meu processo pessoal„.

Uma sinagoga em Pádua, segundo o desenho de Lukomski

O pintor George Lukomski

E remata, sempre confiante em si próprio:

"— O que eu sou, fundamentalmente, é um arquitecto. E como arquitecto, interessaram-me muito as características sinagogas europeias, principalmente as de Espanha (do século X), de Praga (do XI) e da cidade alemã de Worms, (do XIII). Reproduzi, a lapis, a *gouache*, a aguarela, essas sinagogas, e realizei a primeira exposição em 1933, em duas salas do Real Instituto dos Arquitectos, de Londres. Vendi tudo o que expuz, e, compreendendo que o assunto interessava muito, não só os arquitectos como o grande público, resolvi prosseguir nos meus trabalhos. Tenho ido diversas vezes à Polónia, à Hungria, à Roménia, à Alemanha, à Checoeslováquia, à Lituânia, à Jugoslávia, e pintado e desenhado também as sinagogas da França, da Inglaterra e da Rússia. Durante o verão, trabalho, e no inverno exponho em Londres e em Paris, onde, até agora, já realizei oito exposições.„

Da sua cultura podem falar os seus livros sôbre "Arte russa„ em que é feita meticulosamente a história da evolução do movimento artístico moscovita, e o precioso trabalho "Old European Synagogues„ que deve saír por êstes dias em Londres com cem soberbas reproduções das suas obras, muitas a côres, e uma das quais é a sinagoga luso-espanhola da capital britânica.

AMIGOS E PATRIOTAS

Frei Luiz de Sousa e Miguel Cervantes

A estreita amizade que uniu êstes altíssimos espíritos

Miguel Cervantes

HA dias, passando pelo vetusto convento de S. Domingos de Benfica, parei uns momentos para evocar o desventurado monge, que desiludido das paixões terrenas, ali se encerrou, numa formosa tarde outonal, para se concentrar numa tarefa mais elevada e proveitosa. Foi assim que apareceram as páginas incomparàveis da "Vida de Frei Bartolomeu dos Mártires„ que apresentam, hoje mais do que nunca, uma oportunidade flagrante.

Nessa branda quietude, Frei Luiz de Sousa passou para o seu estilo suave, florido e musical as laudas massudas da "História de S. Domingos„ que Frei Luiz de Cácegas, cronista da Ordem, garatujara materialissimamente, no simples desempenho da missão a seu cargo.

A Fonte do Sátiro lá continuava a cantar, na sua toada melancólica, as amarguras que o monge solitário sofreria longe daquela que tão acrisoladamente amava, e se lhe manteria no pensamento até o derradeiro sôpro da sua existência. Não tinham as vigílias nem os cilícios poder bastante para lhe fazer esquecer um passado em que tão levianamente se considerara feliz.

Resistia, sem querer, à desilusão pungente que o prostrara, e, ao bendizer o sol, no exíguo recanto da sua cela, afagava na luz doirada, uma réstea de saüdade, único prazer doloroso que lhe era dado acalentar no confrangido peito, êrmo de esperanças.

Já lá vão três séculos, e aquela fonte ainda ostenta a figura irreverente do velho sátiro que parece levantar-se como um remorso, a recitar os tão formosos quão maliciosos versos de Eugénio de Castro:

«Mas sôbre o esbelto lirio imaculado,
De súbito, eis que poisa um negro insecto,
Batendo as asas em febris ansrios;
E logo o pobre monge, desvairado,
Na memória revê o sinal preto
Que Madalena tinha num dos seios!»

É certo que se inventou muita patranha acêrca do erudito dominicano de Benfica. Êsse pobre monge está para Garrett como a "linda Inês„ ha de continuar a estar para Camões. Verdade histórica, é que nem sonhá-la... No entanto, o canto III é um dos mais belos dos "Lusíadas„, e o "Frei Luiz de Sousa„ a primeira obra do teatro português.

A Poesia, embriagadora como um estupefaciente delicioso, conseguiu desvirtuar o rigor inflexivel da História.

O nosso povo habituou-se a considerar verdugos os três nobilíssimos portugueses, que perante o rei Afonso IV, apenas pretenderam acautelar a Pátria, e a sua integridade, das ambições duma perigosa castelhana que tivera artes de endoidar a tal ponto o infante herdeiro, que o roubou à legítima esposa. Em sossêgo teria estado a linda Inês, apesar de não ter deixado sossegar um só instante a pobre D. Constança, sua protectora e amiga, que se finou, mirradinha de desgôstos, na flôr da idade.

De resto, o povo português, encarreirando pela sua tendência sentimental, não teve grande relutância em curvar-se ante o improvisado trôno "daquela que depois de morta foi rainha„, e em encontrar justificação para as espantosas crueldades de D. Pedro I sedento de vingança, mas não de justiça. O nosso povo habitua-se facilmente a estas histórias, desde que, na sua urdidura mentirosa, lhe toquem a corda sensivel.

Com o Frei Luiz de Sousa faz o mesmo.

Aquela figura do romeiro que, ao fim de tantos anos, regressa a disputar a mulher que legitimamente lhe pertencia; aquêle brado teatral: — Ninguem! — ante o próprio retrato quando lhe preguntam quem é; aquelas lágrimas da encantadora Maria que, nas vascas da morte, ainda estende os braços para "o pai e a mãe que são seus„, tiram ainda hoje um grandíssimo efeito no palco.

Mas a verdade, a pura verdade, é que nem o D. João de Portugal voltou, pois morreu como um valente nos campos de Alcacer-Quibir, nem a rapariga se lamentou tão amargamente, pois a única filha de Manuel de Sousa Coutinho e de D. Madalena de Vilhena havia morrido anos antes, sendo ainda pequenina. O próprio Manuel de Sousa Coutinho o declara nestas palavras, segundo o insuspeito testemunho do seu melhor biógrafo, Frei António da Encarnação:

"O caminho está franco, pois um penhor que tivemos foi Deus servido de o levar para si em tenros anos; está no ceu, assim o creio, para lá nos chamam as saüdades„.

Corre para aí que Manuel de Sousa Coutinho, indignado contra a requisição que lhe faziam da sua casa de Almada, a incendiou por suas mãos, gritando: "Ilumino a minha casa para receber os muito poderosos e excelentes senhores dêstes reinos„, e salienta-se êste facto ocorrido na época dos Felipes. Mas êste gesto não constituiu um acto de rebeldia contra Castela. Se assim fôsse, Coutinho não teria ido procurar refúgio em Madrid para escapar à sanha daquêles que insultara.

Subsiste outro ponto: a estreita amizade que sempre ligou Manuel de Sousa Coutinho ao imortal autor do "D. Quixote„ durante o seu cativeiro em Argel, segundo a afirmação de Diogo Barbosa Machado, na sua "Biblioteca Lusitana„. Um historiador, aludindo a êste facto, teve a audácia de o pôr em dúvida, só porque lhe deu para duvidar.

A Fonte do Sátiro

Cervantes, na última novela que escreveu "Trabajos de Pérsiles y Sigismunda„, refere-se a Manuel de Sousa Coutinho que conheceu como remador em Argel, rematando êste episódio com o triste fim de um cavaleiro português que morre de amor.

Querem mais claro?

Cervantes, pobre e ambicioso, encontra-se na triste situação de cativo dos piratas argelinos com Coutinho que ostenta as honrosas insignias de cavaleiro da Ordem de Malta. O espanhol, no longo decurso dos pesados trabalhos a que ambos são sujeitos, revela em frases bombásticas a maneira heróica como perdera a mão esquerda, cinco anos antes, na batalha de Lepanto. O português ouve estarrecido a narrativa dêsse rapaz de vinte e nove anos, e sonha também uma vida aventurosa que sorri à sua mocidade irrequieta. Estreitam amizade. Após muitas peripécias, cada um por seu lado, consegue obter o resgate. Coutinho vem encontrar a Pátria prestes a perder a sua independência, e Cervantes, para não perder o treino, acompanha as tropas do duque de Alba na invasão contra Portugal.

Isto não obstou que, mais tarde, refugiando-se Coutinho em Madrid, continuasse a dar-se intimamente com Cervantes, seu muito querido companheiro de infortúnio em Argel.

Esta amizade perdura. O talento de Manuel de Sousa Coutinho atrai o autôr do "D. Quixote„, que o incita e admira.

Frei Luiz de Sousa — paladino da língua portuguesa

Em 1614, Manuel de Sousa Coutinho, dando ouvidos ao que se dizia acêrca do primeiro marido de sua mulher, vai recolher-se à paz do claustro, sacrificando o pouco que a sua idade de 59 anos lhe poderia conceder. Pouco perdia, e conseguia assim dar uma satisfação ao mundo. Em todo o caso, era um sacrifício, que a mentalidade da época avolumava, equiparando Coutinho a um novo Abeilard sem mutilações.

Dois anos depois, Cervantes publica a sua última novela, evocando o seu amigo Manuel de Sousa Continho, antigo remador em Argel, e fá-lo morrer de amor, visto que o cavaleiro português, ao refugiar-se num convento, morrera definitivamente para o mundo.

Não se compreende, portanto, a afirmação categórica do tal historiador que se julga habilitado a rebater o eruditissimo autor da "Biblioteca Lusitana„.

Para mais, salienta, com certa basófia que nem as almas infaliveis sabem conhecer:

"E' certo que na referida obra *(Trabajos de Pérsiles y Sigismunda)* ha uma passagem em que figura o remador dum barco, português de nação, nobre, rico, natural de Lisboa, com o nome de Manuel de Sousa Coutinho. Mas basta ler êsse trecho para se concluir que ha apenas identidade de nomes, pois o episódio amoroso que nêle se descreve, nem de perto, nem de longe se relaciona com a vida do verdadeiro Manuel de Sousa Coutinho. Se os dois se conheceram em Argel, como é natural, pois Cervantes ali esteve cativo, pela mesma época, o glorioso autor do "D. Quixote„ lembrar-se-ia apenas do nome do seu companheiro para o dar a um cavaleiro português tão enamorado, que morre de puro amor„.

Interior da igreja de S. Domingos de Benfica

E remata com a maior convicção:

"A afirmação de Barbosa Machado, inferindo dessa passagem que os ligava muito *estreita amizade*, não passa duma fantasia, como a história inventada por Cervantes„.

Já agora, o citado historiador poderia acrescentar que o próprio Cervantes não passa duma fantasia de mau gôsto, visto nunca ter lido o "D. Quixote„, nem coisa semelhante. Poderia declarar tudo isto que, como sempre, estaria no plenissimo direito.

Pois, a verdade é que Frei Luiz de Sousa foi amigo de Miguel Cervantes e que, bem que pése ao nosso historiador, os ligou sempre uma *estreita amizade.*

O ambicioso cavaleiro, morrendo de amor, para o mundo, foi sepultar-se em vida no convento de Benfica, para honra e glória das letras pátrias.

Eis, em meia duzia de palavras, quem foi o nosso Frei Luiz de Sousa. Dos seus actos como patriota, pouco ou nada poderemos aproveitar. Como paladino da língua portuguesa merecia um monumento tão alto que todos os maus escribas dêste país o pudessem vêr, por mais afastados que estivessem.

Gomes Monteiro.

A morte do marquês de Loulé

O assassínio do marquês de Loulé, perpetrado no palácio de Salvaterra na noite de 28 de Fevereiro de 1824, contínua a apaixonar os nossos escritores, e cada vez com mais afinco.

Enquanto uns afirmam que o nobre titular foi assassinado pelo seu feroz inimigo, infante D. Miguel, outros declaram que a morte foi provocada por um desastre, visto o marquês, ao atravessar um corredor, ás escuras, ter tomado por uma porta, uma janela que um incêndio desguarnecera de peitoril; e daí o precipitar-se no entulho, sôbre o qual foi encontrado, na manhã seguinte, o seu cadáver.

Desta vez é o sr. conselheiro dr. António Cabral que se apresenta a desvendar o mistério, mais na firme intenção de rehabilitar a memória do senhor D. Miguel, que Deus haja, do que de apurar os verdadeiros autores do crime.

O sr. conselheiro dr. António Cabral que, como escritor tem uma obra vasta e sugestiva, não carecia dêste volume para confirmar os seus talentos exuberantemente demonstrados em tantos volumes publicados, e em tantos lances da sua longa vida publica.

O que se nota no seu livro é simplesmente o autor dum outro livro publicado pouco antes, e que pomposamente intitulou «El-rei D. Duarte II», em homenagem ao neto do indigitado criminoso de Salvaterra.

A muita consideração que o sr. dr. António Cabral nos merece, tanto literária como pessoalmente, não nos impede de dizer o que sentimos acêrca da sua última obra.

Evocamos com saudade o esbelto rapagão de vinte e três primaveras, que, na récita do seu 5.º ano de Direito, se apresentou em cêna, no papel de Tarquino, da peça «O' Fábia que fôste Fábia!» que êle próprio escrevera em 3 actos e 6 quadros, com uma firmeza de dramaturgo consagrado.

Enternece-nos quando, nas suas «Memórias», declara, aludindo a êste episódio:

«Meus velhos tempos de Coimbra! A minha juventude, a minha alegria, o meu sangue vivo a referver-me nas veias!.. Canções, guitarradas, passeios, olhares amorosos de tricanas gentís, danças animadas, nas fogueiras do S. João, conversas vivazes, nos *Gerais*, e na *Via latina*, festas inolvidáveis, no Teatro Académico, ceias ruidosas, obrigadas a azeitonas e a vinho, a récita do meu quinto ano, «O' Fábia que fôste Fábia!..» a que meus pais fôram assistir, revendo se em mim que, flamante, no meu trajo romano, representava o principal papel da peça, que o meu éstro tinha engendrado em verso.. de pé nem sempre direito – como tudo isto já vai distante! ..»

Marquês de Loulé

Decorreram os anos – meio século! — e sôbre uma obra notável de duas duzias de volumes, o nosso querido conselheiro dr. António Cabral vem depôr um outro que mais compromete a já abalada reputação do senhor D. Miguel no que diz respeito a êsse tenebroso caso de Salvaterra.

A famosa devassa, que tanto tem dado que falar, e dará, prova exuberantemente, apesar de tôdas as deficiências apontadas, que o marquês de Loulé foi assassinado. A quéda no entulho não lhe podia causar a morte que os médicos verificaram ser provocada por uma choupada na bôca que lhe rompeu a abóbada palatina e feriu o cérebro.

«Mas onde apareceu a choupa? – pergunta-se — onde ficou a choupa? que sumiço lhe deram?»

É intuitivo que, praticado o crime, os criminosos não iriam enviar a arma que de que serviram aos organizadores da devassa, para que êstes mais facilmente os identificassem.

Afirmou-se que o desventurado marquês foi abafado por uma manta que lhe impediria de gritar enquanto lhe davam cabo das poucas energias que lhe restavam.

E pergunta-se ainda: «Onde está a manta? o que foi feito da manta? Porque é que o assassino não mandou a manta aos inquiridores?»

Não mandou por que não lhe convinha, como muito menos lhe poderia convir mandar a choupa.

Uma testemunha afirmou que o marquês de Loulé não podia enganar-se no caminho, pois «conhecia bem o Paço de Salvaterra, desde a infancia, não podendo precipitar-se da janela sem guardas, sôbre o entulho, porque antes de chegar a essa janela, e em distância, havia alguns degraus, e a quéda nestes e no primeiro buraco, junto dêles, o despertaria».

Disse uma outra testemunha não acreditar que a morte do marquês fôsse devida a desastre, porque, «ainda supondo-se que êle errasse a direcção do caminho do teatro para o interior do Paço, o que não era fácil, pôsto o grande conhecimento que tinha o defunto de todos os caminhos, voltas e serventias do mesmo Paço, assim que chegasse aos degraus que precediam o alto precipício, onde apareceu o corpo, não podia deixar de caír nos mesmos degraus com o que evitaria de precipitar-se».

António Cabral no papel de «Tarquino» da sua peça «O Fábia que fôste Fábia!»

Fizeram também cavalo de batalha ter o marquês pedido, horas antes, uma vela para atravessar o dito corredor com duas visitas, servindo êste facto para *provar* que o titular não conhecia o caminho! Mas não é isto que qualquer pessôa faz em sua própria casa para acompanhar quem a visita?

Em resumo: não é nossa intenção demonstrar, ponto por ponto, que o marquês de Loulé foi assassinado. Que fôsse D. Miguel o assassino, ou que tivessem sido pessôas a seu soldo, não nos interessa.

Lá que não houve desastre, não houve.

Surja a verdade em tôda a sua hediondez que mesmo assim será bem recebida.

Que nos importa que fôsse D. Miguel o assassino ou o instigador do crime? Que nos importa que fôsse êle quem brandiu a choupa que rasgou o ceu da bôca ao pobre Loulé a ponto de o fazer arrefecer? E se fôsse o infante? Para que encobrir tão feio acto, visto que êste crime, pela rapidez com que foi cometido, deveria ser à traição? Sim, porque o marquês de Loulé também não era pêco, segundo se diz. Darem assim cabo dêle, na curta passagem dum corredor escuro, sem fazer alarido, é porque o golpe foi vibrado com mão de mestre. Quatro ou cinco trataram dêle e o arremessaram depois para o entulho.

Que a manta aparecesse ou não, também pouco se perdeu, com ou sem exame directo que provasse estar pintada de sangue ou dejectos da estrumeira em que caíu.

Os escritores que nos restam tomaram à sua conta, pelo visto, a função de *pintar a manta* como melhor lhes convém.

ONTEM COMO HOJE

Uma crónica de Eça de Queiroz

perdida num jornal esfarrapado e amarelecido pela acção do tempo

Por um feliz acaso, encontramos na loja dum alfarrabista um maço poeirento de córtes de jornais, contendo as crónicas que Eça de Queiroz escrevera em 1877 e 78, de Newcastle, quando ali se encontrava como consul de Portugal. Tôdas essas cartas — restos do espólio dum bibliófilo falecido — são datadas de Londres, embora o insigne escritor se mantivesse nessa «encarvoiçada capital do condado de Northumberland» onde, em seu próprio entender, «a sua vida enfim se aquietou».

Não tinham surgido ainda a suas famosas Cartas de Inglaterra, *em que tão nitidamente manifestaria a sua nenhuma simpatia pela loira Albion, mas já a fréchava de ironias, a propósito de todos os grandes acontecimentos mundiais.*

Era já o entusiástico amigo da pobre nação escravizada, que, anos depois, havia de estampar na imprensa brasileira estas suas desassombradas opiniões da mocidade ainda firmes e inalteraveis:

«A questão da Polónia: oh! saudosos dias passados! Foi ésse um dos meus primeiros entusiasmos! Nêsse tempo, ser polaco era sinónimo de ser heroi: e a fórma mais usual da da paixão, numa alma de vinte anos, não consistia no desejo de se subir ao balcão de Julieta, mas de partir e ir tomar as armas pela Polónia. Em Coimbra, sempre que nos reüniamos, mais de quatro amigos, faziamos logo ésse projecto, gritando — Viva a Polónia! *Os jornais transbordavam de poemas à Polónia e de injúrias ao Urso do Norte! Empenhavam-se as batinas e compêndios para socorrer a Polónia, em subscrições entusiásticas. Em benefício da Polónia eu representei muito melodrama em que ora, virgem traída e vestida de branco, soluçava com as minhas tranças soltas — ora, traidor soltando gargalhadas cínicas, cravava um ferro no peito de Condé!»*

Já lá vão 58 anos!

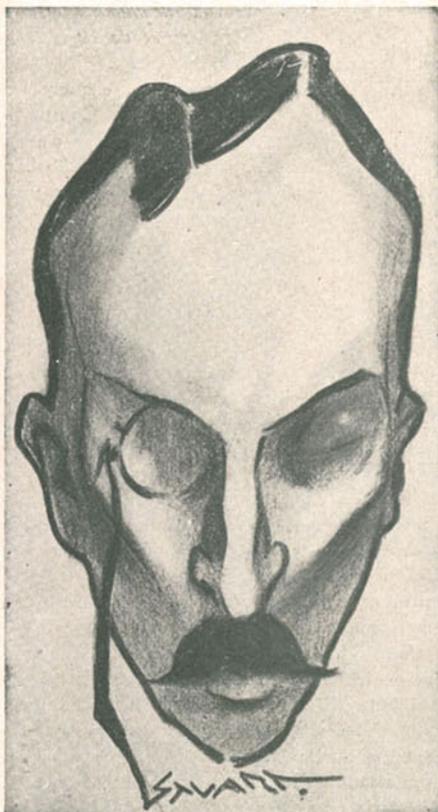
Na pujança da vida, o glorioso escritor, ansiando abandonar essa triste cidade britânica, em que sentia definhar-se, idealizava embrenhar-se na sua querida França que desde o berço o atraía como um verdadeiro paraíso.

Enquanto esperava, ia escrevendo o «Primo Basílio» que impôs definitivamente o Realismo, e elevou o seu autor à gloriosa categoria de Sumo Sacerdote dessa escola. Trabalhava para não perder tempo, pois o seu ambiente próprio não era ali... Paris fascinava-o como a luz atrai a borboleta...

Em 30 de Julho de 1878, o govêrno português publicou um decreto, transferindo Eça de Queiroz para o consulado de Bristol. Ali, na sua casinha de Clifton, tôda engrinaldada de trepadeiras viçosas, o primoroso estilista, cada vez mais saüdoso de Paris, ia escrevendo sempre, infatigavelmente.

Das preciosas cartas, que um feliz acaso nos trouxe ás mãos, publicamos uma que nos parece da mais flagrante actualidade.

Hoje como ontem, e ontem como sempre...

Intitula-se Carta de Londres, *e têm a data de 10 de Janeiro de 1878.*

Eça de Queiroz, visto por Stuart Carvalhais

Onde estão os tempos saüdosos, em que cada telegrama nos trazia uma vitória turca? Onde estão êsses dias em que os correspondentes nos pintavam as cargas irresistíveis da infantaria otomana, atroando os céus com o grito de *Allah! Allah!* e apavorizando divisões russas?

Onde estão os vitoriosos e os *ghazis*? Onde estão as lágrimas do imperador da Rússia choradas nas noites da derrota? Onde estão as tardes alegres em que um coração liberal se regozijava, pensando que o Czar e o seu govêrno autoritário, despótico, teocrático, semi-bárbaro, humilhado pelas derrotas na Bulgária, seriam na Rússia feitos em pedaços por uma revolução nihilista? Ai, tudo nos passou! Hoje o que se nos diz, cada dia, é que mais uma fortaleza turca foi tomada, mais um regimento aprisionado, mais um *passe* dos Balkans atravessado, mais uma enxadada cavada na sepultura da Turquia. O Czar, não só não é destronado, mas é recebido em S. Petersburgo com um fanatismo tão alucinado, que pessoas deixam-se atropelar para se poderem prostrar, beijar-lhe as botas, tocar com a ponta dos dedos na sua espada santa! E são os ministros do Sultão, que dizem ao novo parlamento em Constantinopla: *Estamos perdidos, rendamo-nos!*

E' doloroso vêr que esta guerra injusta tem como resultado fortificar, enfatuar, perpetuar um govêrno inimigo de toda a liberdade, defensor de todo o despotismo, cuja justiça se chama *Libéria,* cuja administração se chama *Polónia,* que tempera a liberdade dos jornais pelo assassinato dos jornalistas, que liberta os servos para melhor os poder explorar pelos impostos, que condena um romancista ou um poeta a prisão perpétua se o seu poema ou a sua novela desagradam á polícia, que expulsa todo o estrangeiro suspeito de liberalismo como se enxota um cão, que tem como sistema de govêrno a delacção e a espionagem, que chicoteia as mulheres cujos maridos não convém, que exila o marido, cujas mulheres convém, e que civiliza as raças de civilização inferior — destruindo-as. Eu não tenho certamente nenhuma simpatia pelo sultão; uma tão rica porção de território europeu, como a Turquia, nas mãos de uma raça preguiçosa e asiaticamente passiva, é certamente uma perda para a civilização, é uma esterilização de fôrça produtiva; mas se o golpe ao Urso Branco, ao campião da tirania, pudesse vir da Turquia, *hurrah!* pela Turquia! *hurrah!* pelo chino ou pelo mongol! *hurrah!* por qualquer povo negro ou nú, que pudesse libertar a Rússia, a Europa,

A rainha Vitória visita Lord Beaconsfield em Hughenden

Vitor Manuel II

a liberdade e o pensamento desta tenebrosa utilidade, o govêrno do Czar!

Infelizmente não nos é dada essa dôce consolação. E, todavia, é neste momento ou nunca, que a Rússia corre um perigo. O armistício com a Turquia está assinado, parece. O Czar deve agora apresentar, necessariamente, as suas condições de paz, e revelar a extensão das pretensões: se elas fôrem tais que prejudiquem os interêsses britânicos, o govêrno de Lord Beaconsfield está ligado, pelas suas declarações e pela sua honra, a fazer guerra. E' êste o momento crítico. A Inglaterra, há meses que diz: «Esperemos até vêr o que a Rússia quere». A Rússia tem nestas semanas últimas de dizer o *que quere*. E a Inglaterra de dizer o *que faz*. E' evidente que uma coisa é o govêrno de Inglaterra e outra coisa é a Inglaterra: que a rainha e lord Beaconsfield desejam a guerra, pelas suas inclinações pessoais, é certo; mas estes bons desejos dos elementos decorativos da constituição não bastam: é necessário que a grande massa, o contribuinte, o eleitor se queiram bater, — e é neste elemento dominante que eu vejo uma antipatia muito decidida por qualquer acção militar. O partido conservador em Inglaterra vive num estado de irritabilidade, ácerca de política estrangeira; é de natureza, bélico e fanfarrão: conserva o antigo ideal da canção: — *Britania governando as ondas e árbitro das nações*.

Que em qualquer ponto da Europa haja um tiro, e os conservadores ingleses querem logo mandar lá a *frota, a vasta frota!* Fôram êles que fizeram a guerra de Crimeia: fôram êles que gritaram que a Inglaterra devia intervir pelo Sul, na guerra da América. Fôram êles que declararam que a nação estava para sempre desonrada, por não ter tirado a espada em favor da França. Se a nação os tivesse escutado, tê-la-iam lançado nas aventuras mais desastrosas. Desde o comêço desta complicação do Oriente tem estado constantemente a levar a mão aos copos da espada, de testa franzida para a Rússia: e fôram, em parte, estes actos de arreganho que provocaram a guerra: se o govêrno não tivesse recusado aceitar o *memorandum*, de Berlim, a Turquia não se teria mostrado tão resistente nas conferências de Constantinopla; se o govêrno não tivesse mandado a esquadra á baía de Besika, a Turquia não se julgaria logo apoiada, não teria sido tão intratável. E agora, que a guerra está finda, põe outra vez mão na espada a propósito das condições de paz. Resta saber se o país lhe não tirará a espada da mão. Até aqui parece muito resolvido a isso; pelo menos, a julgar pelas petições, protestos, *meetings*, representações, a maioria liberal da nação quere trabalhar e não guerrear; e firmemente declararam — que nenhuma condição de paz, *nenhuma exigência russa põe em perigo os interesses da Inglaterra, nem mesmo a posse de Constantinopla*.

E aqui está o argumento; os que querem a guerra dizem que se a Rússia fôr a Constantinopla: 1.º — põe em perigo a supremacia da marinha inglesa no Mediterrâneo; 2.º — abala o prestígio inglês na India; 3.º — tornando-se uma grande potência, pode arrancar á Inglaterra o uso do canal de Suez, e do seu caminho para a India. — E, dizem os partidários da paz, nós respondemos a isto: 1.º — que a marinha inglesa é mais forte que tôdas as marinhas do mundo juntas, e que os russos não têm nem dinheiro, nem construtores, para criar uma frota, que tenha a décima quinta parte da fôrça da nossa, nem num século; 2.º — que os índios não nos amam nem nos desamam, pela maior ou menor protecção que nós damos aos seus correligionários maometanos na Europa; e a prova é que meses depois de nos termos batido pelos maometanos da Europa, na Crimeia, os maometanos da India mostraram-nos a sua indelével gratidão, fazendo contra nós a mais formidável insurreição dos tempos modernos! 3.º — que a Rússia em Constantinopla tornar-se-ia a mais fraca das potencias ocidentais: cercada do ódio da Austria, da rivalidade da Alemanha, e da nossa contínua vigilância, a sua posição seria dum perigo permanente, obrigando-a a armamentos ruinosos, a um estado de incerteza fatal ao seu comércio. E bastaria uma frota nas alturas de Creta, para a manter num estado de inacção impotente. Há muita verdade nesta argumentação do partido da paz, e é esta argumentação em que se baseiam as representações dos *meetings*. Mas são estes *meetings* a expressão exacta do pensamento do país?

Eu tive ocasião de assistir ao grande *meeting* de New Castle.

E' verdade que era em favor da guerra. Mas não é das suas resoluções que eu quero contar, é da sua atitude. Havia tôdas as condições de seriedade: estavam 3 a 4.000 pessoas; era na sala monstro dos paços do concelho; falava o deputado Hammond, homem estimado. E aqui está o que se passou: Durante um quarto de hora, Hammond falou, entre aplausos, dos conservadores e assobios dos radicais. Mas nas palmas ou nos apupos, havia como uma indiferença distraída. As suas imagens mais preparadas, os adjectivos mais sonoros não conseguiam encadear a atenção: e eu notei que parte da vasta audiência se voltava repetidamente para o fundo da sala, onde se elevava uma galeria em anfiteatro, naquela noite tão escura duma multidão espessa. Era evidente que na galeria *alguma cousa* produzia aquêle frémito de curiosidade. Eu mesmo esqueci o orador, que bracejava na plataforma, falando da honra da Inglaterra, e apliquei-me a descobrir o *caso interessante* da galeria. Até que achei. Era um homem, um velho, que estava num dos bancos da frente, imóvel, com uma larga face barbada e risonha. E verifiquei que o que produzia impressão era *uma cousa* que êle tinha na cabeça: evidentemente o público, como eu, desejava saber o que era, porque estando a galeria mal alumiada, não era possível, a distância, apreciar-se; não era um chapéu redondo, nem um chapéu de bicos, nem um barrete, nem um capuz, nem um turbante, nem um capacete... O que era então? As risadas convulsivas das pessoas que na galeria o cercavam, picavam mais a minha curiosidade, e de três mil pessoas, que estavam em baixo, na sala. Pouco a pouco, por um movimento comunicativo, toda a gente se voltava para a galeria, estendendo o pescoço, aguçando o olhar, erguendo-se em bicos de pés; e o deputado Hammond não tinha diante de si, para receber os seus argumentos políticos, senão nucas e costas. O velho, de certo compreendendo que era o centro de aquela curiosidade lisongeira, ergueu-se com solenidade. Gritaram-lhe logo que viesse para os degraus de baixo! a reclamação era engenhosa: mal êle descesse, a luz dum dos lustres alumiar-lhe-ia a cabeça, e poderiamos, emfim saber que estranho objecto lhe cercava as cãs. O velho condescendeu, e, apenas entrou no foco de luz uma gargalhada estridente, ecoante, trovejante fez oscilar os muros. Tinham visto o que êle tinha na cabeça, o velho! Era uma corôa de loiros!! Porquê? Era um bardo? Era o Tasso? Era o nosso Camões? Quem o coroára? Que batalha ganhára? Que epopeia compusera? Era um deus marinho?

Enfim descobrimos o motivo: o respeitável ancião estava profundamente bêbedo!

E, vendo-se acolhido por uma aclamação tão jovial, não hesitou e falou. Falou dez minutos: salvas de palmas virgulavam-lhe cada oração: que triunfo, por Jupiter!

O deputado Hammond, na plataforma, lívido, mascando uma bela imagem que começára a desenrolar, cruzára os braços com um desespêro trágico: o seu olhar dizia claramente: *Povo vil, nação imunda!* Mas o povo delirava; e eu, aplicando o ouvido, pude vagamente perceber que o velho aconselhava os seus concidadãos, a que fôssem, em massa, à taverna dos *Braços d'El-rei* onde o *gin* era especialmente bom, e as raparigas que o serviam singularmente rechonchudas: aconselhava-o com exaltação, com a fé dum missionário: e coroado de loiros sorria, o bom velho! Hammond não se conteve, invocou a polícia. Mas então o verás. O público, num frenesi, assobiou a polícia: — o quê? levar, expulsar um homem que tinha verdades tão proveitosas a revelar aos seus compatriotas? Não! E o velho debatia-se, entre dois polícias, surpreendido,

Vitoria de Inglaterra

mostrando as suas cãs, a sua inocência, e a sua coroa de loiros. A polícia não o expulsou, mas fê-lo sentar. O deputado recomeçou. Mas ai! quem o escutava? Todos os olhos, todos os corações, eram pa·a o bom velho que, sentado no mais alto degrau da galeria, como na glória dum trono, ostentava a sua face honesta, e pacífica, com um bom sorriso jovial, coroado de loiros, profundamente bêbedo.

O *meeting* dispersou, sem se tomar nenhuma resolução: e creio que a maioria foi aos *Braços d'El-rei* verificar a qualidade do *gin* e as formas das serventes.

A Inglaterra é uma grande nação. Longe de mim apresentar êste *meeting* como o tipo clássico dos *meetings* ingleses. Não. Conto apenas o que me parece ser um caso divertido.

*

* *

Chega-me, neste momento, uma triste notícia. Vítor Manuel morreu: ainda ontem o seu antigo ministro, velho amigo e camarada de armas, o cavalheiresco general de La Marmora, era enterrado — que hoje desaparece êle, o rei *galantuomo*, uma das personalidades mais interessantes da política moderna. Perde-se assim um grande patriota; porque o traço eficiente do seu carácter foi êste: — amar a sua pátria; não a sua pequena pátria, a Sabóia, mas a sua grande pátria, a Itália.

A sua biografia é ao mesmo tempo a crónica da Itália unida. No fim da batalha de Novara, Vítor Manuel, então moço, que se batera heroicamente, retirava-se do campo desastroso, — quando de repente atacando a cavalo, e brandindo a espada para o lado onde se acendiam os fogos do acampamento austríaco, exclamou: — *Per Dio! L'Italia se fará!* E toda a sua vida foi passada a *fazer a Itália*.

Foi êste o seu pensamento central: a êle sacrificou tudo: inclinações pessoais, repugnâncias de educação, devoções secretas, até orgulhos de família; de certo lhe custou a êle, educado por padres, e amigo de Pio IX, católico fervente no fundo, causar tanta amargura ao chefe da Igreja; de certo lhe doeu a êle, duma raça tão altiva, ceder á França a Sabóia, berço da sua raça; de certo lhe foi amargo no dia em que teve de dar sua filha Clotilde ao príncipe Napoleão, ateu, de uma família de aventureiros, quási velho, de costumes livres. Mas a Itália exigia um sacrifício. De certo havia nêle muita ambição. A família de Sabóia é orgulhosa, e êle não seria homem se lhe não fizesse bater o coração, a idéia de reinar na Itália unida, e de deixar o trono, que foi de césares e dos pápas, á sua raça; mas se êsse orgulho concorreu para fazer uma grande nação livre, que êsse orgulho seja bendito.

Pessoalmente era o tipo de fidalgo: nobre, fiel á sua palavra, bravo, de hábitos sóbrios; caçar o *chamois*, comer a *polenta*, viver nos montes, bastava-lhe; nos jantares oficiais conversava, sem tocar nos pratos, com as mãos apoiadas aos copos da espada; era um conversador fino, vivo, rápido, sobretudo quando falava no seu dialecto piemontês. Em campanha gostava de dormir ao relento, embrulhado numa capa. Amava o cavalo como um cavaleiro andante. Depois da batalha de Novara, quando o despótico general Radeztky veio combinar á sua tenda as condições do armistício, Vítor Manuel não quis tratar sem que lhe fôsse restituido o seu cavalo favorito, que fôra perdido na confusão da retirada. Este traço tem um ar de legenda heróica, que encanta. Eram estes rasgos que o faziam amado.

Fala-se, com um certo ar repreensivo, dos seus muitos amores; para mim tornam-no simplesmente mais simpático; êle não era um filósofo, nem um abade, nem um *místico*: a sua adoração da beleza faz parte do seu carácter de herói. A fidelidade a uma só é sentimento belo, mas pertence aos tempos líricos do rei Artur e da Távola Redonda.

Sir Galahad, que tinha um lírio no escudo, dizia, percorrendo o mundo á busca do Sam-Graal: *Eu sou forte, porque sou virgem*. E' uma santa palavra; mas Sir Galahad, a não ser em verso e interpretado por Tennyson, faz ligeiramente sorrir. E, neste ponto, o rei *galantuomo* seguia as tradições de seus avós da Renascença, e não as dos cavaleiros do rei Artur.

Foi uma pleurisia que o matou. Os príncipes de Sabóia vivem pouco. Em crianças são débeis; depois subitamente tomam um desenvolvimento robusto, e declinam depressa. Até ao momento extremo conservou o espírito lúcido. Minutos antes de expirar, chamou o príncipe Humberto, apertou-lhe a mão, deu-lhe um olhar de amor, e disse serenamente: *Addio!* O príncipe saíu chorando desesperadamente, e o rei morria.

Tinha comungado. Dois vigários do Vaticano tinham vindo com a benção do Pápa, levantar a excomunhão. Pio IX, ao saber que a agonia do rei se aproximava, disse muito agitado:

— Se não fôssem estas pernas, que não querem, eu mesmo levaria os sacramentos ao rei!

E' singular que Vítor Manuel que vira passar como um sonho toda a velha Itália, tudo o que se lhe opôs e que o combateu — príncipes despóticos, gran-duques intriguistas, Bourbons fanáticos, o grande Mazzini, carbonários e conspiradores, camisas vermelhas e garibaldinos, só não sobreviveu ao seu grande adversário: o pápa. Esse aí fica, como uma personificação da velha Itália sacerdotal e autoritária. E é êsse que depois de tantas lutas e de tantas injúrias, o ajuda a bem morrer.

Assim vão desaparecendo os grandes italianos da unificação: Cavour, Ratazzi, Mazzini e Vítor Manuel. Garibaldi resta, mas tão velho, que está mais na história que na vida.

E o velho pápa fica. E intratável, indomável, perturbando o mundo mesmo do seu leito de morte, vendo os seus inimigos morrendo, um a um, e tendo a consolação de ver alguns virem na hora final pedir-lhe humildemente a sua benção. Por isso os católicos, aqui, estão radiosos Mas que importa? os homens passam; são a parte decorativa das idéias: e se é Vítor Manuel que morre e o pápa que sobrevive, é, todavia, o ultramontanismo que expira, e a democracia que fica.

Eça de Queiroz.

Eça de Queiroz

COMENTÁRIOS DA EXPOSIÇÃO

A VIDA MODERNA NA ARTE DOS NEGROS

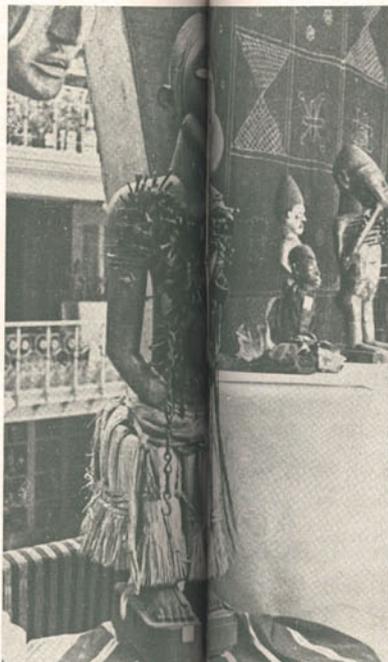
No catálogo da exposição esta estátua era designada por «Hitler». Mas é mais provável que o artista se tenha inspirado nos antigos filmes de Charlot. Entre as obras expostas figuravam, pelo menos, seis estátuas com a cabeça do célebre cómico, que é para muitos negros o mais popular dos homens brancos.

Os cabelos apartados ao centro, saia comprida, uma grande medalha ao pescoço, esta escultura representa evidentemente uma professora inglesa. Mas a fantasia do artista manifesta-se no que adivinha através do tecido leve da blusa.

Um motociclista, na incompleta concepção dum escultor de Angola, que reproduz o engenho duma forma pitoresca e sintética.

Existe uma literatura muito importante sôbre a Arte Negra e com livros ensaios e artigos que tratam da influência das artes indígenas sôbre a arte moderna, poderia encher-se uma biblioteca inteira.

Ninguem põe hoje em dúvida que a musica negra — o Jazz — trouxe novos aspectos à musica moderna e que certas obras de escultores contemporâneos mostram a influência muito pronunciada que sofreram por virtude do estudo e observação de esculturas dos indígenas africanos.

Por outro lado ninguem se preocupa com os efeitos que o contacto cada vez maior com o homem branco e a sua cultura têm tido sôbre o artista negro. E contudo, uma modificação existe, e bastante profunda mesmo. Êste facto pôde verificar-se por ocasião da Exposição de Arte Indígena, organizada pelo escultor Diogo de Macedo na Sociedade de Geografia de Lisboa, durante a celebração da Semana das Colónias.

Nunca até hoje se tinha conseguido reunir em parte alguma, a par de esculturas antigas, tantas obras dos artistas indígenas do nosso tempo. Foi um verdadeiro êxito, e que em nosso entender não se deu todo o relevo que merecia, mas que terá sem dúvida éco no estrangeiro.

A matéria plastica preferida pelos artistas indígenas continua a ser, como até aqui, a madeira. Mas a possibilidade de obter ferramentas mais apropriadas para o trabalho, aumentou consideravelmente a perfeição técnica.

E quantos assuntos novos! O homem branco visto pelos artistas negros, que serenidade e que caricatura! Vêmo-nos ali como num espelho côncavo que nos revela defeitos, existentes em nós mas geralmente despercebidos.

As gravuras que ilustram estas páginas reproduzem alguns dos trabalhos expostos na Sociedade de Geografia e são dum incontestável interêsse etnográfico. — V. R.

Em cima: «Ma[illegible] Justiça». Congo. — Pr[illegible] esculturas dos negros [illegible]fluência do homem bran[illegible]: «Caçador agachado», [illegible] técnica robusta, [illegible] minúcias de observação [illegible] perfeita naturali[illegible].

Êste trabalho dum escultor da Guiné representa um professor, no acto de leccionar a sua classe. Vê-se que a atitude do mestre impressionou o artista que procurou reproduzir os seus gestos.

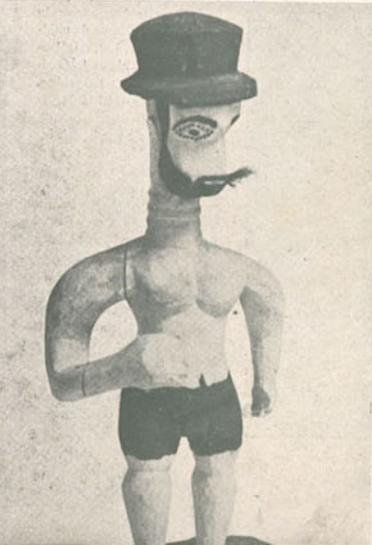
O artista de Bijagoz que talhou a escultura da esquerda quiz dar a imagem dum nadador branco. Mas associou de maneira imprevista e cómica o calção de banho com o chapeu alto, outro pormenor da indumentária europeia que chamou a sua atenção.

A intenção do artista de Lourenço Marques que fez êste trabalho foi sem dúvida a de representar um caixeiro viajante, bem vestido, cuidadosamente penteado, à procura de eventuais clientes a quem possa apresentar os mostruários que transporta na sua mala de mão.

Esta «sentinela europeia» manifesta um profundo poder de observação. Os pormenores essenciais do uniforme são correntes e a posição da espingarda normal. Contudo, a chave que tem na mão faz-nos pensar que se trata do guarda duma cadeia.

O oficial que serviu de modêlo a êste trabalho sabia decerto impor-se ao respeito dos indigenas. A prova é que, ao pé dêle, o cavalo perde tôda a importância e fica reduzido às dimensões dum cão

Estátua de um missionário, trabalho disciplinado, mas feito de memória, que oferece curiosas lacunas. De outro modo não se poderia compreender que o artista reproduzisse o sacerdote com todos os seus paramentos, mas descalço.

Esta máscara de dança oferece flagrante similhança com a caracterização dos *clowns* europeus. Não é fácil dizer se foram êstes que se inspiraram no modêlo ou se, pelo contrarário, os negros procuraram imitar algum palhaço que tiveram ocasião de conhecer.

DA BELEZA E SEUS ACESSORIOS

A beleza, na acepção do termo, é sempre relativa ao gôsto dêste ou daquele, e os ideais que ela levanta são às vezes disparatados e bizarros.

Muitas vezes uma formosura apurada no escrutínio duma votação espanta, pela má escolha, várias pessoas que têm, sôbre a concepção da beleza, ideias absolutamente diferentes, e, por isso, contrárias às que o júri demonstrou quando elegeu a que lhe pareceu mais digna da vitória.

Não se pode, portanto, orgulhar a vencedora, nem pensar que pôs de banda as suas competidoras, unicamente pelos seus dotes próprios. O prémio da beleza foi-lhe dado pelos olhos dos que ali haviam sido chamados para fazer a escolha, que se fôssem outros não a veriam do mesmo modo.

■

Quando deparamos com um rapaz apaixonado por uma mulher que a nosso ver não tem ponta por onde se lhe pegue, ficamos admirados, e o mesmo se dá quando é a mulher que toma para seguir na vida um parceiro em quem não reconhecemos vantagem sensível para prender uma noiva.

É que os gostos não se discutem. O amarelo é tido por uma feia côr e há quem goste de se enfeitar com ele.

E, quanto ao amor, lá diz o rifão "quem feio ama, bonito lhe parece".

Como ninguém tem nada com isso, fazem bem aqueles que amam a quem não possue dotes que agradem aos outros e que só a êles entusiasmam. Se nisso está a felicidade de duas criaturas, que mais é preciso?

Cada um que viva para si.

■

O ideal é uma forma de ir em busca da ventura, um veículo de sonho, e depende do feitio da maneira de encarar a vida daquele que o concebe.

Há quem goste de qualidades físicas ou morais, que outros detestam.

Li algures que alguém teve a curiosidade de indagar quais as prendas de beleza preferidas por alguns homens, e êsses homens não podiam deixar de ser actores de cinema, por mais em evidência. Houve quem preferisse uns lindos olhos, ternos e perturbantes, e quem se voltasse para um sorriso debruado de carmim, onde os dentes alvejam prestes a morder num beijo.

Mas houve, também, quem se pronunciasse a favor de certas graças que não são positivamente belezas físicas, antes acessórios, apenas. Importantes, contudo, como certos acessórios de *toilette* que realçam o conjunto.

Um belo vestido e um chapéu de gôsto não bastam para tornarem uma mulher elegante. Precisa de ter luvas que digam bem com o fato, uma *écharpe*, um saco de mão, um laço, uma flor, e um nunca acabar de pequeninas coisas, a que os ingleses chamam *vanities*.

■

Nós, homens e mulheres, também temos as nossas frivolidades, as nossas *vanities*... que suplantam sempre, quando se trata de conquistar quem tenha gôsto e o sentido do belo mais apurado, as belezas de fundo, os alicerces do que se convencionou apelidar de formosura.

Dois homens houve, entre os inquiridos, que desprezaram rostos impecáveis e linhas correctas de plástica, dando o seu voto, para a mulher ideal, baseado justamente num acessório.

Ronald Colman decidiu-se por um andar gracioso, elegante, sem desnalgadelas de mau calibre, e que algumas mulheres ainda usam.

Maurice Chevalier escolheu a voz. Para êle nada vale tanto, como uma voz agradável, que saiba dar às palavras de amor tons que encantem a alma e o ouvido.

Realmente, a maior beleza dêste mundo é de arrepiar os nervos, se tiver um órgão vocal áspero e grosseiro.

E há tanta mulher bonita com êste enorme defeito...

Para essas, é que vem a geito o *refrain* do *film A Crise Acabou*, cantado por Albert Préjean.

Calado, fala-se melhor de amor...

Realmente com uma voz que viesse estragar um idílio, melhor seria calar.

Compreende-se que não era êste o sentido da canção, mas pode ser assim aplicado.

■

Seria curioso saber o que as mulheres mais apreciam, nos homens.

Decidir-se-ia alguma pela voz? Sou de opinião que os homens bonitos são simplesmente detestáveis.

Entre um adonis e um feio, é preferível o último, se tiver uma voz simpática — uma voz no género da do Assis Pacheco, por exemplo.

E a propósito: Outro dia num encontro no Tivoli, êste actor queixou-se-me da sua fealdade física.

Claro que exagerou, por modéstia.

Não é bonito, isso não. Está mesmo longe de tal calamidade.

Mas a sua figura e a sua voz suprem bem a falta de correcção das feições.

Beatriz Costa, que assistia à conversa, chegou até a afirmar que com uma voz daquelas êle podia apaixonar qualquer mulher, que não fôsse destituïda de emoção.

Nunca "ouvi" cena de teatro mais aliciante do que a cena de amor de Assis Pacheco e Maria Helena, na *Malvalouca*.

A gente nem se lembrava que aquele galã era o mesmo artista dos papéis de farça que nos fazia perder de riso.

Uma voz daquelas é pena andar a prostituir-se — é o termo — em "tipões" de baixo cómico.

Que é feio — diz êle...

Também, valha-nos isso; com uma voz assim e físico de um John Gilbert — que estragos nos corações. Deus sabe o que faz.

■

É fora de dúvida que a voz é dos melhores predicados para fazer a conquista duma amizade e, dum amor sincero. E quando uma voz quente e apaixonada diz frases que vão direitas ao coração, quer-se lá saber se a pessoa que as diz tem olhos lindos ou se Deus lhe deu essa voz para a compensar da má vontade com que a Natura a contemplou, ao repartir a beleza, pelo Mundo!

A música duma linda voz embala e faz sonhar delícias, que embora, não cheguem a realizar-se nos dão momentos de beleza espiritual que nunca mais esquecem.

Mercedes Blasco.

FIGURAS E FACTOS

A nossa representação diplomática no Japão

As gravuras que reproduzimos junto mostram aspectos da assistência aos banquetes realizados na Legação de Portugal em Tóquio nos dias 17 e 24 de Março último. Na gravura da direita veem-se, em primeiro plano, o ministro do México; atrás, sentados, o ministro da Finlândia, senhora Araujo, Dame Margaret Ronald Greville, senhoras Von Dirksen, Tomaz Ribeiro de Melo, Fernan Pila, Kawai, Dama da Imperatriz e Hugo Valvanne; de pé: secretário da embaixada americana, mestre de cerimónias da Côrte Imperial, condessa Elka Wadel, senhora Edwin Neville, embaixador da França, embaixador da Alemanha, secretário da Legação de Portugal, ministro da Colombia, senhora Aguilar, conselheiro da embaixada americana e ministro de Portugal.

Na fotografia de baixo veem-se sentados as senhoras Tomaz Ribeiro de Melo, Kishi Kuruso, Thurnheer, Leão Veloso, Grew, Racedo, Hagiwara Araulo; em pé, ministro de Portugal, chefe do Protocolo, secretário da Argentina, ministro da Suiça, director geral dos Negócios Comerciais, embaixador do Brasil, embaixador-decano da América, general Pabst, ministro dos Paises Baixos, ministro da Argentina, secretário privado do Ministério dos Negócios Estrangeiros e secretário da Legação de Portugal. Ambas as festas confirmaram as tradições de elegância da nossa Legação.

Alfredo de Morais, aguarelista dos melhores, expôs no «Salon» das Belas Artes alguns dos seus trabalhos a que o júri prestou justiça premiando-o com a Medalha de Honra.

O paquete gigante «Queen Mary» vai disputar o «record» da travessia do Atlântico

O grande paquete britânico «Queen Mary» parte no dia 27 dêste mês para a sua primeira viagem transatlântica, em que se propõe bater o «record» de velocidade da travessia. A gravura da esquerda, que nos foi cedida pela Vacuum Oil Company, fornecedora dos lubrificantes para o novo barco, mostra-o durante as últimas experiências. A da direita oferece um aspecto impressionante do casco.

NOTICIAS DA QUINZENA

O futuro aeroporto de Lisboa

O projectado aeroporto de Lisboa vai tornar-se uma realidade. No dia 1 dêste mês cinco aparelhos da Escola Militar de Aeronautica aterraram com facilidade nos terrenos da Portela de Sacavem escolhidos para esse fim. Os trabalhos de adaptação, que incluem importantes e amplas construções, devem começar dentro em breve. É êste um melhoramento em cuja importância é inútil insistir.

A. Victor Machado

Mais um livro de A. Victor Machado que tanto nos tem feito rir com vários volumes sôbre a vida teatral e seus bastidores.

Desta vez, o autor de tantos monólogos facetos, mostra-nos a sua alma por dentro, e transfigura-se num Tabor de sofrimento. Este seu último livro «Vencidos da Vida» é uma espécie de via dolorosa por onde desfilam os tristes sem amparo, os desprotegidos da sorte, soluçando as suas máguas e as suas desilusões. São páginas pungentes traçadas por quem sabe.

Alexandre Malheiro

A nova edição de «O primo Mário», de Alexandre Malheiro, é a prova de mais um exito obtido. Todos sabem que quando uma edição se esgota é porque teve quem a lesse, servindo o tempo que levou a esgotar para demonstrar a avidez com que foi procurada. O sucesso obtido ha pouco com «A Fidalguinha da Levada» é agora intensificado por êste com «O primo Mário».

Homenagem ao sr. dr. Silva Ramos

No dia 8 dêste mês, primeiro aniversário da inauguração do Hospital anexo à Misericórdia de Lisboa, o pessoal desta prestimosa instituição prestou uma singela mas significativa homenagem ao seu provedor, sr. dr. Silva Ramos. Reunidos no gabinete do homenageado todos os que ali prestam serviço, usou em primeiro lugar da palavra o director do hospital, sr. dr. Simões Ferreira, que fez o elogio do eminente provedor. O sr. dr. Silva Ramos, agradeceu em termos comovidos. Foi depois descerrado um retrato seu na sala de conferências do hospital.

Entre os clínicos encontravam-se os srs. drs. Eurico Magalhães, sub-director do hospital; Amandio Pinto, Blanc, Mário Moreira Nunes Sampaio Alvim, Celestino Henriques, Salema Braga, Carmona Bentes Pimenta e Ribeiro da Silva.

O «Baile da Primavera»

O Grémio Alentejano organizou no dia 9 do mês findo uma brilhante festa que denominou «Baile da Primavera». A assistencia era numerosa e escolhida, como é de uso, nas festas organizadas por esta agremiação. O facto de a Primavera ter passado este ano quási despercebida não impediu que o baile tivesse invulgar animação e ficasse como recordação encantadora para quantos a êle assistiram. Pode dizer-se mesmo que raramente a bela estação do ano tem sido comemorada com tanto luzimento, o que maior relêvo dá à sua ingratidão que nos fez passar sem transições dos dias de temporal para os de opressivo calor. Uma música excelente abrilhantou o baile, que fica como um autêntico exito nos anais do Grémio Alentejano.

Silva Pereira

Ante uma selecta assistência, o ilustre violinista Silva Pereira realizou um concerto no Teatro Nacional que foi coroado pelos mais calorosos aplausos.

Diogo Joaquim de Matos

O govêrno francês agraciou o sr. Diogo Joaquim de Matos com o grau de comendador da Legião de Honra, distinção merecida por quem tanto ama a França.

CHEGARAM AS ANDORINHAS!

EMBORA tarde — mais vale tarde que nunca! — chegou a Primavera com o seu sol radioso, as suas primeiras flores, e as suas andorinhas que parecem manifestar uma certa desconfiança.

E' que ainda não chegamos às trovoadas de Maio, a menos que, pelo atrazo de três meses sofrido pela Primavera, ficassem transferidas para meados de Setembro.

Enfim, já chegaram as andorinhas — e isso nos satisfaz. Se pudessemos ser como elas!

O Mundo convulsiona-se, tudo levando a crêr que vai surgir uma guerra que não deixará pedra sôbre pedra, e sem que as andorinhas se mostrem apoquentadas com as povorosas carnificinas que se projectam.

Querem lá saber as andorinhas dessas coisas! Que podem perder? que podem lucrar? Ainda se fôssem corvos, não lhes desagradariam tão opíparos festins com tudo o que um bom apetite pudesse desejar. Mas, assim, sendo avesinhas do céu, basta-lhes a garantia que Jesus deu no Sermão da Montanha: "Não semeiam e, no entanto, Deus encarrega-se do seu sustento„.

Chegaram com a Primavera — um poucochinho tarde — mas chegaram. E é vê-las, cortando o azul do céu, em voos largos e coleantes, como almas em estado de graça que os nossos olhos pecadores pudessem ver e seguir na sua ascenção à bemaventurança.

E quando poisam nos fios telegráficos, mantendo-se numa tal imobilidade que se confundem com os isoladores de porcelana, alheadas de tudo o que se passa à sua volta?

Que felicidade a sua?

Ao vê-las, recordamos aquele lindo soneto de António Nobre que, mais do que nunca, tem flagrante actualidade:

Não repararam nunca? Pela aldeia,
Nos fios telegráficos da estrada,
Cantam as aves, desde que o Sol nada,
E, à noite, se faz sol a Lua cheia.

No entanto, pelo arame que as tenteia,
Quanta tortura vai numa ânsia alada!
O Ministro que joga uma cartada,
Alma que, às vezes, de Além-Mar anseia:

Revolução! — Inutil. — Cem feridos,
Setenta mortos. — Beijo-te! — Perdidos!
— Enfim, feliz! — ? — ! — Desesperado. — Vém.

E as boas aves, bem se importam elas!
Continuam cantando, tagarelas:
Assim, António, deves ser também!

O que vai por êsse mundo, na hora que passa! Coisas espantosas que o telégrafo vai registando, minuto a minuto, numa ânsia insofrida de satisfazer a curiosidade humana mil vezes mais insofrida ainda.

A derrota dos abexins e o avanço das tropas italianas sôbre campos regados com sangue nobre e generoso... Tumultos em Espanha... As eleições em França com tôdas as suas conseqüências... Ambições que se avolumam num crescendo fantástico para rebentar como a rã da fábula. O homem transformado cada vez com maior ferocidade em lobo do homem, e só pela vaidade inconcebível de mandar como o Nero que morreu horrorosamente numa latrina, ou pelo prazer de enriquecer, de coleccionar milhões como um filatelista a coleccionar estampilhas usadas que um ferro-velho recusará comprar amanhã, mesmo a pêso...

Crimes, vergonhas, abominações...

A tudo isto, as avesinhas se manifestam indiferentes, seguindo o preceito que Jesus atribuiu aos lírios: "não fiam e, no entanto, vestem de branco como nem o próprio rei Salomão conseguiu vestir nunca„.

São felizes as andorinhas!

E porque não havemos de ser assim tambem?

A vida, se pensarmos bem, só nos apoquenta quando pensamos nela mais compungidamente.

Façamos como as andorinhas que, por obra e graça de quem tudo ordena, patenteiam por tudo o mais completo alheiamento.

Deixemos de ser Heráclitos, já que não nos é dado ser Demócritos...

Seguiremos pelo verdadeiro caminho, um pouco tarde, mas que tem isso?

As andorinhas chegaram também um pouco tarde, mas chegaram.

FESTAS E REUNIÕES

«O trêvo das quatro fôlhas»

As melhores fotografias do «O trêvo de quatro fôlhas», filme português a estrear em breve, estiveram expostas no salão de Chá do Tivoli. A fotografia mostra Nascimento Fernandes e Beatriz Costa, admirando uma das cênas em que êles próprios figuram.

O baile do «Turf Club»

No «Turf Club» realizou-se uma festa cujo produto se destina a fins de beneficência. A assistencia selecta, entre a qual se viam alguns dos primeiros nomes da nossa aristocracia, deu à festa extraordinária animação, que foi em tudo digna das tradições da elegante agremiação do Chiado. Foi êste sem duvida um dos acontecimentos mais marcantes na vida da sociedade portuguesa nos últimos tempos.

Homenagem a Ivo Cruz

Em homenagem ao distinto maestro e compositor Ivo Cruz realizou-se num restaurant de Lisboa um banquete, a quc assistiram as personalidades mais em evidencia no meio musical português. Aos brindes proferiram-se brilhantes discursos em que a competencia artistica de Ivo Cruz foi posta em justo relêvo. O homenageado, no final, agradeceu comovido as eloqüêntes manifestações de carinho e apreço que lhe fôram tributados.

Antigos alunos do Liceu de Pedro Nunes

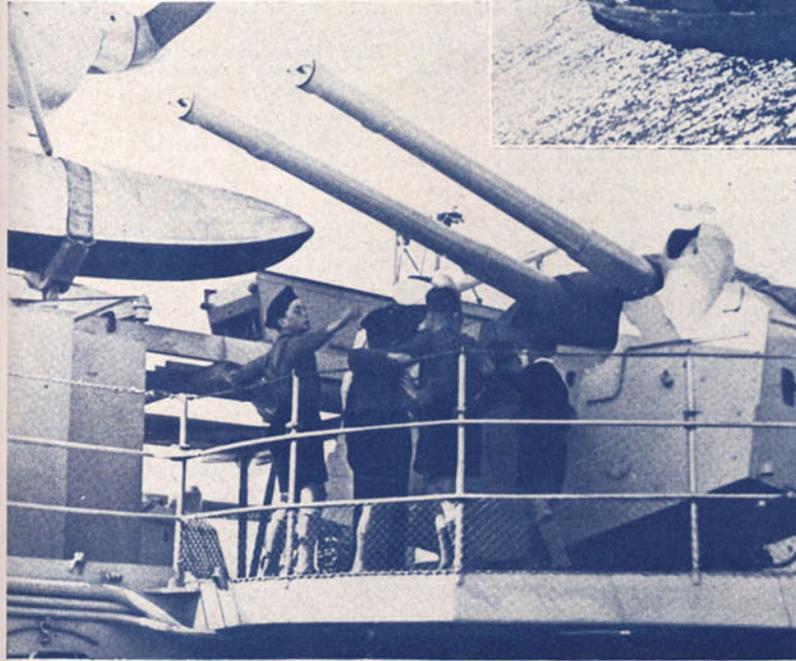
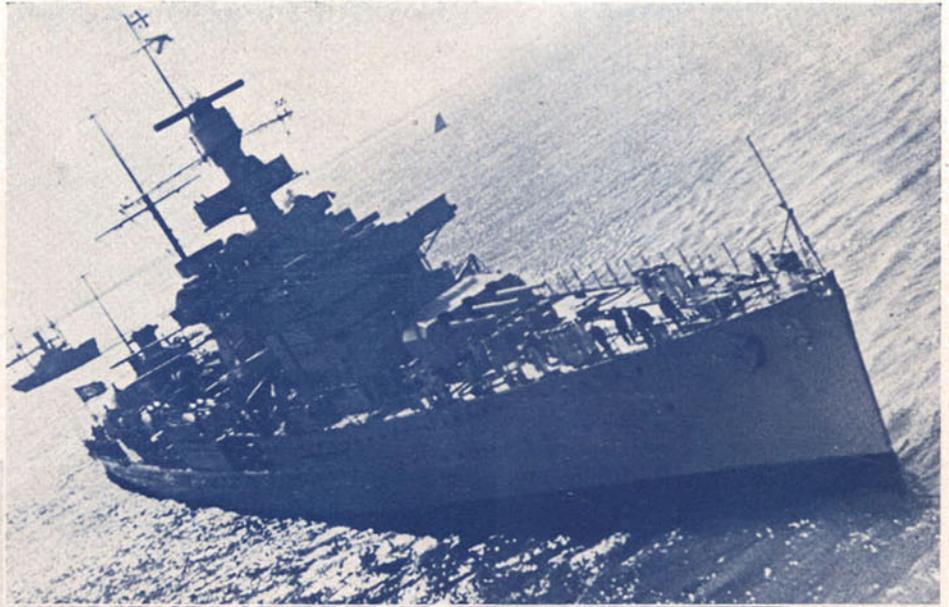
No Liceu de Pedro Nunes realizou-se a tradicional festa dos antigos alunos, que na forma do costume decorreu com a maior animação. Pessoas que hoje ocupam as mais diversas posições sociais confraternizaram durante algumas horas, entre gratas recordações dos seus tempos de estudantes liceais. Foi como era de esperar uma festa encantadora, que a todos rejuveneceu muitos anos. Realizou-se um pitoresco desafio de «foot ball» entre pais e filhos. No vasto gimnásio da escola foi servido um almôço que teve farta concorrência e no decorrer do qual se afirmou brilhantemente o espírito de solidariedade que liga todos os que passaram por aquele popular estabelecimento de ensino.

O cruzador "Nürnberg"

de visita a Lisboa

Entraram no Tejo no dia 31 do mês findo dois navios da Esquadra Alemã de Exploração, em cruzeiro de instrução no Atlântico: o cruzador «Nürnberg» e o transporte «Vollin». A primeira destas unidades desloca 6.000 toneladas e foi construida ha dois anos. Tem nove canhões de 150 m/m, além de outra artelharia secundária. Dispõe ainda de 6 tubos lança-torpedos e transporta um avião para reconhecimentos. O seu comprimento total é de 175 metros. Arvorava a insígnia do contra-almirante Böhm, chefe da esquadra.

Entre o almirante alemão e o ministro da Mari-

nha trocaram-se os cumprimentos do estilo. O sr. comandante Ortins de Bettencourt ofereceu um banquete à oficialidade dos navios visitantes. A bordo do «Nürnberg» realizou-se uma pequena festa dedicada às crianças da colónia alemã em Lisboa, de que as fotografias que ilustram esta página reproduzem alguns aspectos.

VIDA ELEGANTE

Casamento de D. Carlota Luiza Furtado Xavier Norton com o sr. João de Jesus de Melo Breyner Cardoso de Menezes (Margaride). Os noivos e a sua comitiva à saída da paroquial de Santa Izabel

Tarde de elegância

Constituiu sem dúvida alguma, um grande acontecimento mundano, como sucede sempre em tôdas as festas que são organizadas pelos cronistas mundanos e nossos colegas de trabalho Carlos de Vasconcelos e Sá e Carlos da Mota Marques, a tarde de elegância, que se realizou no salão de festas do Casino Estoril, no passado domingo 19 de abril último, que constou de «chá concerto» durante o qual um dos melhores costureiros da capital, fez uma brilhante passagem de modêlos de vestidos de verão, modêlos que marcaram pelo bom gosto e elegância.

O aspécto do vasto salão do teatro do Casino Estoril, nessa tarde ficará gravada na memória de tôdas as pessôas que ali deram ponto de ruenião nessa tarde, entre a qual figuravam os melhores nomes da nossa aristocracia e das colónias espanhola e ingleza, que actualmente se encontram passando a presente estação na Costa do Sol.

Casamentos

Realisou-se presidido por Sua Excelência Reverendissima o sr. Arcebispo de Evora D. Manuel da Conceição Santos, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, sendo acolitado pelo seu secretário cónego Delgado, e pelos reverendos dr. Francisco Cruz, Monsenhor Domingos Nogueira prior da Lapa, e padre Martins capelão da casa, na capela do palácio dos srs. Condes de Monte Real, á rua de Buenos Aires, que se encontrava artisticamente decorada com grande profusão de flores e lumes, o casamento de sua gentil filha D. Maria da Luz, com o distincto engenheiro sr. D. Diogo Francisco de Vilhena Freire de Andrade Passanha, filho da sr.ª D. Matilde de Vilhena Freire de Andrade Passanha e do sr. Diogo da Fonseca Maldonado Passanha, servindo de madrinhas as tias da noiva sr.as D. Palmira Diogo da Silva de Sommer e D. Maria Eugénia Porto de Melo e Faro e de padrinhos os srs. Visconde de Messangil e D. Luiz de Vilhena Freire de Andrade Passanha, respectivamente tio e irmão do noivo.

As «lavandas» serviram os srs. Marquês de Lavradio, Marquês da Praia e Monforte, Conde das Alcaçova's, Conde de Seisal, Conde de Vilas Boas, Conde de Valenças, Conde de Campo Belo (D. Henrique), Eduardo Perestrelo de Vasconcelos e Camilo Infante de La Cerda.

Finda a cerimónia foi servido no salão de meza do palácio, um finissimo lanche, seguindo os noivos depois para a Ameixoeira, onde foram passar a lua de mel.

Em uma das salas do palácio encontravam-se expostas as riquissimas e valiosas prendas oferecidas aos noivos, em que a par das joias de alto valor e antiguidade, se salientava a riquissima e valiosa baixela de prata, trabalho da acreditada ourivesaria da Guia, que mais uma vez teve de pôr em evidência com essa baixela, o extrordinário esforço e tenacidade do nosso operário.

Na assistência á cerimónia recorda-nos ter visto entre outras as seguintes pessôas:

Dr. Francisco Vieira Machado e D. Maria do Carmo Contreiras Machado, conde e condessa de Lichtervelde, Marquês Lavradio e filhos, marquês e marquesa de Ficalho e filha, marques e marquesa da Praia e Monforte, conde e condessa das Alcaçovas e filhas, conde e condessa de Mêndia e filha, conde e condesa de Seisal, condessa de Castro, condessa de Porto Covo (D. Josefina), conde e condessa da Esperança e filhos, conde e condessa de Valenças e filhas, conde de Vilas Boas e filhas, conde e condessa das Alcaçovas (D. Luís e D. Catarina), conde e condessa de Campo Belo (D. Henrique e D. Filipa), conde e condessa de Mozer, conde de Boa Goa, conde de Alto Mearim, visconde e viscondessa de Messangil, visconde de Sanche de Baena, D. Maria de Lancastre Van-Zeller, D. António de Sousa Coutinho (Linhares), D. Justina Fialho de Sousa Coutinho e filhas, D. Judite Maia de Carvalho e filhas, D. Emília Pinheiro Pinto Basto e filha, Camilo Infante de Lacerda, D. Laura Cancela, Infante de La Cerda e filha, Manuel Braamcamp de Meo Breyner (Sobral), D. Lívia Street de Arriaga e Cunha de Melo Breyner e filha, conselheiro António Scarnichia e D. Maria Tereza Inglezias Scarnichia, Júlio Schmidt e D. Joana de Albuquerque Schmidt, D. Alda Cabral Gentil e filha, D. Alice Guedes de Heredia, D. Maria Guedes da Camara Lemos, João Pereira da Cruz, D. Adelaide Leitz Pereira da Cruz e filho, dr. Carlos Champalimaud e D. Ana de Somer Champalimaud, dr. Vasco Mira e D. Mariana de Vilhena Freire de Andrade Mira, Fernando de Somer e D. Maria Isabel Brazão de Somer, D. Beatriz de Tavora Pereira, Henrique Somer e D. Palmira Diogo da Silva de Somer, D. Maria da Graça Inglezias Viana Ferreira Roquete e filha. D. Maria Luiza de Magalhães Coutinho da Camara, José Ribeiro da Cunha, D. Vera Ferreira Pinto Ribeiro da Cunha e filho, D. Maria Cancela Emidio da Silva e filha, dr. Luís Vaz de Carvalho Crespo, D. Francisca de Oliveira Feijão, George de Vilhena Freire de Andrade Black e D. Maria Tereza Henriques de Lencastre Black, Dr. Luís de Paiva Raposo Vilar, D. Maria do Carmo de Magalhães e Meneses Vilar e filha, Dr. Alfredo Mendes da Silva, D. Joana Castel-Branco Mendes da Silva e filho, Pedro Mendes da Silva e D. Maria da Assunção de Mendonça de Melo Mendes da Silva, D. Luis de Vilhena Freire de Andrade e D. Bela Black Freire de Andrade, Francisco de Albuquerque Figueiredo e Clotilde de Melo e Faro de Figueiredo, dr. José Mateus de Almeida de Mêndia e D. Maria de Slusa Coutinho de Mêndia, D. Maria Luiza de Somer, D. Laura Fomigal, capitão Francisco Vilar e D. Maria Vilar, dr. Rafael de Saldanha Marrecas Franco, Augusto Cancela de Abreu e D. Maria Diogo da Silva Cancela de Abreu, Jaime de Vasconcelos Thompson, José da Cunha Rela Pereira, D. Helena Nogueira Vaz, D. Diana de Carvalho, D. Cristina e D. Maria Izabel Empis, D. Ausgusto Sanches de Baena e irmãs, D. Tereza de Castro Pereira Guimarãis, D. José de Almeida (Lavradio), D. Helesa Abudarahm Abecassis, D. Maria Izabel de Castro Pereira de Arriaga e Cunha (Carnide), D. Amélia de Carvalho e Maia, dr. António do Amaral de Figueiredo, D. Tereza Maria Bianchi Plantier, Joaquim Cines Baptista, D. Maria José Morales, de los Rios Froes. D. António Braamcamp de Melo Breyner (Sobral), D. Maria Isabel de Melo e Faro, Fernando de Alme da, D. Maria Helena e D. Maria Luiza Guedes Pinto Machado, José Manuel Henrique e António Martins de los Rios Leitão, D. Maria Tereza de Melo e Faro Valadas, Rui Maurício Correia Henriques (Seisal), D. Ana de Melo e Faro Valas. D. Gil de Castro (Nova Goa), D. Maria Antónia de Saldanha Marrecas Franco, D. Nuno e D. João de Sousa Coutinho (Liuhares), tenente Jorge de Melo e Faro Valadas, António Ortigão Burnay de Almeida Belo, José Manuel Iglezias Ferreira Roquete, Fernando Ferreira Pinto Basto, Vasco Jardim (Valenças), Manuel Raimundo Valadas, José Manuel Nogueira de Melo e Faro, Carlos de Vasconcelos e Sá, etc, etc.

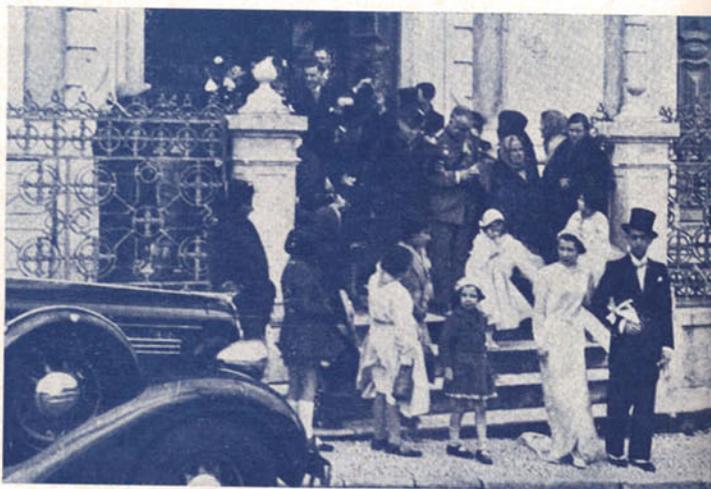
Os ilustres titulares, seu filho e seus cunhados, tiveram mais uma vez ocasião de pôr em destaque as fidalgas qualidades de carácter.

— Realizou-se na paroquial da Pêna, presidido pelo cónego Carlos Rego, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, o casamento da sr.ª D. Maria Gertrudes de Mendonça Lino Neto, gentil filha da sr.ª D. Matilde de Mendonça Lino Neto e do sr. dr. António Lino Neto, com o sr. dr. Virginio Arrufa, filho da sr.ª D. Custódia Arruda e do sr. João Arruda, servindo de madrinhas as mães dos noivos e de padrinhos o pai da noiva o sr. dr. Botêlho Novas.

Terminada a cerimónia foi servindo na elegante residência dos pais da noiva, um finissimo lanche da pastelaria «Versailles», partindo os noivos a quem fôram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas para a sua quinta em Alvega, onde fôram passar a lua de mel.

— Na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, realizou-se o casamento da sr.ª D. Jandira Teixeira da Silva, interessante filha da sr.ª D. Carolina Teixeira Pereira e enteada do sr. Luís António Pereira, empresário do teatro Politeama, com o sr. dr. Daniel Pais de Almeida, filho da sr.ª D. Virginia de Almeida e do sr. Manoel Pais de Almeida, tendo servido de madrinhas as mães dos noivos e de padrinhos o padrasto da noiva e o pai do noivo, sendo o acto presidido pelo reverendo José Carlos Simões de Almeida, amigo da família dos noivos, que veio expressamente de Guimarães, e fez no fim da missa uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência da mãe e do padrasto da noiva, um finíssimo lanche, partindo os noivos a quem fôram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas para o norte, onde fôram passar a lua de mel, seguindo em breve para a Africa.

— Presidido pelo reverendo prior da freguezia, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, realizou-se na paroquial de Santa Izabel, o casamento da sr.ª D. Carlota Luiza Furtado Xavier Norton, gentil filha da sr.ª D. Carlota Furtado de Antas Xavier Norton e do comandante sr. Manoel Peixoto Martins Mendes Norton, com o sr. João de Jesus de Melo Breyner Cardoso de Menezes (Margaride), filho da sr.ª D. Margarida de Melo Breyner Cardoso de Menezes e do sr. dr. José Cardoso de Menezes (Margaride), tendo servido de madrinhas as tias da noiva sr.as D. Rosa Furtado de Antas Martins e D. Laura Mendes Norton Brandão e de padrinhos os irmãos do noivo Luís e Hermano de Melo Breyner Cardoso de Menezes (Margaride).

Terminada a cerimónia foi servida na elegante residência dos tios e padrinhos da noiva sr.ª D. Rosa Furtado de Antas Martins e do sr. dr. Ilídio Martins da Costa Soares, um finíssimo lanche, seguindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas, para o norte, onde foram passar a lua de mel.

— Em capela armada na elegante residência da sr.ª D. Maria Luiza Naon Paiva, viuva do sr. Miguel Paiva, realizou-se o casamento de sua interessante filha D. Ana Maria, com o sr. dr. António Augusto Vilas Boas Carneiro de Moura, distinto assistente da Faculdade de Medicina de Lisboa, filho da sr.ª D. Elvira Carneiro de Moura e do sr. dr. João Lopes Carneiro de Moura, servindo de madrinhas as mães dos noivos e de padrinhos os srs. tenente coronel João Maria Pentecado Pinto e o ilustre professor da Faculdade de Medicina de Lisboa, dr. Reinaldo dos Santos. Finda a cerimónia foi servido no salão de mesa um finissimo lanche, recebendo os noivos um grande número de artísticas e valiosas prendas.

Nascimentos

— A sr.ª D. Maria Rosa Ricardo Romão, espôsa do sr. Romão, teve o seu bom sucesso na Casa de Saúde de Benfica, assistida pelo distincto cirurgião sr. dr. Cabral Sacadura. Mãe e filho estão de perfeita saúde.

— No Pôrto, teve o seu bom sucesso a sr.ª D. Maria Beatriz Alves Cardoso de Castro Guerreiro de Mendonça, espôsa do sr. Vasco Guerreiro de Mendonça. Mãe e filho encontram felizmente bem.

Baptisados

Na paroquial do Santo Condestável, realizou-se o baptisado da menina Maria Luiza, gentil filhinha da sr.ª D. Maria da Conceição Trigueiros da Silveira e Lorena e do sr. D. Vasco da Silveira e Lorena (Sarzedas), tendo servido de madrinha a ilustre escritora sr.ª D. Maria Augusta Pereira Forjaz de Sampaio Trigueiros e de padrinho o nosso colega na imprensa Luis de Forjaz Trigueiros.

— Em Oeiras, realizou-se na igreja matriz, o baptisado do menino Manoel Maria, gentil filhinho da sr.ª D. Filipa de Vilhena Torre do Vale Betencourt, e do sr. Humberto de Betencourt.

Serviu de madrinha a sr.ª D. Maria do Carmo de Goulart Caldas Forte e de padrinho o tio paterno o sr. dr. Fernando de Betencourt.

D. Nuno.

A CIVILIZAÇÃO E A MULHER

PARA aqueles que tudo gostam de observar e para quem não há coisas insignificantes, é interessante comparar nas épocas passadas a atitude da mulher, nas várias fases das civilizações.

Coincide com o maior desenvolvimento da civilização, sempre, uma tendência feminina para a emancipação, e, incoerência do sexo fraco, uma maior tendência também para o coquetismo e para um cuidado exagerado na beleza.

Na Grécia antiga conforme a civilização foi atingindo um maior requinte, a mulher começou a ter veleidades de mandar e de governar, de ser ela quem faz leis, como Aristofanes nos fez ver na sua crítica tão subtil e irónica, e, a par dessa emancipação, dêsse desejo de abandonar o gineceu, e de se imiscuir nas coisas públicas, começou a mulher grega a ter um maior culto pela sua beleza plástica, a usar unguentos e artifícios, que até aí eram reservados às cortezãs, classe àparte que na Grécia antiga tinha especiais regalias.

E pouco a pouco as tendências de emancipação e a loucura do luxo fizeram com que a mulher contribuisse e não pouco para essa desmoralização duma raça de herois que de desmoralização em desmoralização caiu na servidão, debaixo do domínio duma raça mais forte.

Na Império romano deu-se a mesma coisa. Emquanto a raça romana sofreu a dura vida disciplinada, impoz ao mundo a sua dominação, as águias romanas voavam sôbre o mundo então conhecido.

Homens duma isenção absoluta governavam os povos, mulheres duma honestidade perfeita transmitiam de geração em geração, as virtudes da forte e dura raça.

As melhores joias duma mulher romana, eram os seus filhos, a sua maior glória, o seu maior desejo eram ser esposa fiel, mãi dedicada e dona de casa irrepreensível.

Mas surgiu a civilização, os requintes de vida, as comodidades e o luxo amolentaram os homens e apodreceram a moral da mulher. Nas termas romanas homens e mulheres passavam a sua vida tratando do seu físico embelezando-se, os dias eram pequenos para tantos cuidados.

A' semelhança das escravas vindas da Gallia, as romanas queriam ter opulentas cabeleiras loiras e passavam horas nos terraços molhando com «henée» os cabelos e expondo-os ao sol para os aclarar, pintando as unhas das mãos e dos pés, massajando o corpo num requinte de beleza e de elegância e numa dissolução de costumes, que as leis favoreciam.

Na Roma da decadência as divorciadas eram tantas, que raras eram as mulheres que tinham tido um só marido e algumas havia que já tinham tido sete maridos, como o Barba Azul, mas felizmente para êles sem os matarem.

E em época nenhuma as mulheres foram tão belas e tão cuidadas como então. As belezas da Idade Média e da Renascença não cuidaram a sua beleza com o mesmo esmero, cobriam-se de chamas de oiro, de joias riquíssimas, mas não tratavam a sua beleza como o faziam as romanas;

eram bonitas as que a Natureza assim tinha feito. E Roma decaiu o seu império pouco a pouco, foi-se emancipando, os seus soldados amortecidos pela convivência dessas mulheres, frivolas e dissolutas, enfraquecidos pelo feroz egoismo e pelo desejo de viver no luxo e na comodidade, foram batidos em tôda a parte.

■

Hoje a civilização europeia e americana, mundial, mesmo, atingiu um grau de perfeição, que nenhuma outra civilização tinha atingido. Os meios de comunicação rapidíssimos acabaram com as distâncias, a civilização é tôda uma no Universo, as comodidades são extraordinárias.

O requinte é absoluto e a mulher influenciada pela civilização reclama os seus direitos e consegue-os. São raros os países em que a mulher não tem voto. Os trabalhos intelectuais tão assiduamente cultivados pelo sexo fraco, são raras as raparigas que não seguem um curso e raras as que não estão habilitadas a ganhar a sua vida numa independência que as torna altivas e difíceis de sujeitar à vida de sacrifício, de esposa e mãi.

A par desta invasão feminina num campo até aqui pertença exclusiva do homem, nunca a mulher foi tão «coquette» como agora, pois que sem exagêro se pode dizer, que excede em cuidados com a sua pessoa, com a sua beleza, a grega e a romana.

■

A mulher de hoje faz-se tôda à sua fantasia. Pela gimnástica desenvolve os músculos, modela o seu corpo, como o artista modela o barro, que há de ser a estátua de mármore, pela alimentação emagrece ou engorda, segundo a moda prescreve a linha esguia ou arredondadas formas.

Os seus cabelos têm a côr que a fantasia da moda exige, a sua pele varia de tom de mês para mês, as suas mãos cuidadosamente tratadas a creme de amêndoas e a sumo de limão, têm a macieza do setim e as unhas dos pés e das mãos são como as das romanas, pintadas, a vermelho côr de lacre, a rosa e a opala, a oiro ou a prata. A arte das loções, dos cosméticos, dos cremes atingiu o sumo da perfeição. Há pós de arroz de tôdas as côres, há sobrancelhas pintadas da forma que mais agrada, há pestanas postiças, enfim há tudo o que pode fazer a mulher bela.

São tão raras as belezas sem retoque que quando uma aparece, causa sensação. A mulher como sempre que uma civilização atinge o seu requinte, perde um pouco a cabeça e como que embriagada pela espuma duma taça de «champagne» esquece um pouco os seus deveres o seu verdadeiro papel na sociedade e ou quer mandar ou vive na adoração da sua beleza e para a tornar mais brilhante, mais original, recorre a todos os artifícios embora com isso sacrifique muitas vezes os seus dotes naturais.

■

Mas entre essa futilidade e o desvairo de certas mulheres, que formam cortejos exigindo direitos, que fariam rir, se não fizessem tristeza pelo excesso que representam, eu ainda sou pela frivolidade das que passam o seu dia a adornar a sua beleza. A mulher ressente-se do excesso de civilização e assusta sempre vê-la sair do seu ambiente próprio, quer seja num delírio de emancipação, quer seja numa futilidade e frivolidade de criança animada.

Estará a civilização ameaçada e será um sintoma esta incoerência feminina? Unamo-nos pois, tôdas as que pensamos, em defeza da civilização tão custosamente atingida e que seria lamentável ver perdida.

Maria de Eça.

PÁGINAS FEMININAS

O luxo é a maior tentação da mulher e segundo sempre se disse a sua perdição. E assim deve ser porque na idolatria da sua personalidade e no anceio de se enfeitar, para obter os vestidos ricos, que na sua imaginação doentia de nervosa ela imagina, que a farão mais bela, para ter as jóias que porão em volta da sua pessoa um halo de refuljente esplendor, a mulher pratica muitas vezes actos, que só se podem classificar de inconsciência ou de falta de dignidade.

Eu não sou contra o luxo e até tenho a opinião que as pessôas de fortuna têm a obrigação de manter o luxo, que produz tanta coisa bela.

Há quem lhes chame coisas inúteis, no que não concordo, porque o que é belo nunca é inútil, tem pelo menos a vantagem de recrear os os olhos e é êsse um dos maiores favores que à humanidade se pode fazer.

Além disso o luxo é uma indústria que dá trabalho a muitas pessôas e pão a muitas bôcas, é pois útil à sociedade e quem pode sustentá lo só é louvàvel em o fazer.

Só é condenável, na mulher que sacrifica tudo para ter o luxo, que tão sacrificável é na vida, que sacrifica o marido que se exgota a trabalhar, o bem estar da família, gastando em futitilidades, o que devia empregar no seu lar, tornando-o cómodo e confortável, indo muitas vezes êsse sacrifício ao limite da loucura e da sua dignidade de mulher.

E é êste um dos maiores êrros que uma mulher pode cometer. Se a mulher desmazelada, que se não ocupa, com a sua pessôa, desleixada no pentear e no vestir se torna quasi repelente aquela que tudo sacrifica para se enfeitar, para se embonecar numa frivolidade de pensamento e de sentimentos, é desprezivel.

A mulher pode e deve ser elegante e graciosa, sem luxo, numa simplicidade encantadora cuidando com acêrto em escolher o que veste, tratando com esmero o seu vestuário tendo êsse aspecto "neat" como lhe chamavam os ingleses, que é tão agradável à vista e tão interessante.

Nunca a mulher deve rebaixar a sua alma, para a sacrificar ao corpo, nunca proceder com menos correcção, para enfeitiçar êsse corpo, que nada é, no infinito da vida.

Que importa que uma mulher esteja deslumbrante, numa magnífica "toilette, coberta de jóias, se a sua alma está enegrecida, pelas mais vis acções, para conseguir essa beleza; que afinal tão passageira é, por mais cuidados que com ela se tenham.

A verdadeira beleza é a que vem duma alma limpa e pura e duma vida organizada dentro dos limites do que é bom.

A mulher que com economia e graça se veste e adorna, torna com a sua graciosa presença mais belo e encantador o lar, que se torna para o marido o lugar mais delicioso do mundo, e, enternecedor para tôdas as que vêem, com olhos de ver, êsse esfôrço, que representa a mulher gentil e bela adornada com simplicidade e dentro dos meios de que dispõe.

Essa gentileza que não sacrifica ningém, que é antes um prazer para os olhos que a contemplam é que deve ser um modêlo para tôdas as mulheres e êsse é que é um verdadeiro luxo, o luxo do bem que à sua volta espalha, na certeza íntima, que tem, que a sua elegância não sacrifica ninguém e dela não tem que córar.

Que importa que não tenha jóias a brilhar no peito, nos dedos, nos pulsos? Tem-nas no brilho traqüilo dos seus olhos, na graça simples do seu sorriso e na sua cuidada "toilette, que não fez sofrer ninguém e não a rebaixou moralmente.

O verdadeiro luxo da mulher deve ser o bem praticado à sua volta e êsse luxo nunca é muito, nunca é demais, tôda o que poder fazer será pouco ainda para realisar essa linda missão que Deus lhe deu na terra.

Pedra fundamental dum lar, coluna que soporta o templo da família, espôsa e mãi nenhuma outra glória pode desejar nem querer a mulher, e nenhum outro luxo deve ambicionar senão o de ser encantadora aos olhos dos seus a quem torna felizes, com a sua bondade, o seu carinho e a sua graça natural.

Maria de Eça.

A moda

A moda traz-nos êste verão o resurgimento da alegria nas côres. Ponto final nas côres sombrias, dos vestidos de inverno, e, dêsse delirio de preto e branco que há anos está sendo o que mais se usa e que se é duma suprema distinção, dá a multidão feminina um ar de luto aliviado, que entristece o ambiente do mundo elegante.

As côres alegres e vivas, os tecidos floridos como alegres «cretonnes» são o último grito da moda. Embora o fundo seja preto, as côres alegres e vivas da floração que o cobre dão à mulher o aspécto dum jardim florido e fresco. Umadas côres mais em favor êste ano é o lilaz em tôdos os seus tons, até ao roxo violento, mas não o roxo escuro e triste, o tom quente do roxo avermelhado.

Nos chapéus floridos nota-se a mesma tendência para a alegria, que luta contra a pesada atmosfera política que nos ameaça no horisonte internacional, mas a alegria da mulher e o brilho do seu vestuario afastam as sombras negras, e alegram as cidades, como irão alegrar as vilegiatura têrmas, campos e praias.

Como nota de absoluto modernismo e máxima elegancia damos uma linda blusa em setim brilhante, fundo negro e florida das mais vivas e brilhantes côres.

Com uma sáia em setim preto faz uma linda «toilette» que pode ser usada em Casino e em jantar, com um verdadeiro triunfo de elegância. E' para notar a manga dum modernismo delicioso, que acaba abaixo do cotovêlo, num punho cingido ao braço, que acaba num gracioso bico. Não se lhe póde chamar manga curta mas não é também uma manga comprida. E' uma destas fantasias da moda que dão encanto e relevo à graça da mulher verdadeiramente elegante. Num gracioso vestido em «marrocain» rôxo têm as nossas leitoras um lindo modêlo de modernissimo córte, com umas mangas muito originais e admiravelmente acabado, com uma gola e punhos, que formam um rôlo em miudos franzidinhos, dum lindo efeito. Um enorme ramo de violetas num delicioso contraste de tom é a principal guarnição desta simples e elegante «toillette».

Este ano como o mau tempo nos estragou as flôres, vingar-nos-êmos usando as mais variadas flôres como guarnição dos vestidos, e, nenhuma há de mais belo efeito numa «toilette» de verão.

Os chapéus são da maior variedade êste ano. Vêem-se de tôdas as formas e todos os feitios, mas para o campo e praias voltarão a usar-se as formas clássicas, que são ainda as mais práticas e que com umas ligeiras modificações se aiustam e adaptam à moda actual. Damos hoje dois modêlos de Lucy que são positivamente a prova do que dizemos.

Um dêles em «laize» côr de ambar e no génere «panama» a que a copa moderna dá uma nova feição. E guarnecido com uma franja em palha castanha que guarnece a aba e o alto da copa.

O outro é um «breton» de aba larga em palha natural com uma barra em azul escuro e uma ligeira guarnição em fita de «gros grain» na mesma côr. Dá também um lindo efeito com a barra e guarnição em vermelho.

Não abandonando o capítulo da roupa de baixo que tão importante é para a mulher «chic» e cuidada damos um lindo modêlo de camisa de noite, em setim lavável côr de rosa, guarnecida da mais linda e fina renda verdadeira. Um cordão do mesmo setim aperta na cintura a uma renda estreitinha guarnece-a em baixo.

Higiene e beleza

Para a mulher não há nada que mais a assuste do que vêr estragada a pele do rosto. Para ter uma pele bem fresca e fazer desaparecer as sardas e outras manchas nada há de melhor do que a máscara de leite.

Cozem-se duas colheres de farinha de aveia em leite até se obter uma papa bem grossa. Junta-se duas colheres de café de água de rosas.

Espalha-se esta mistura sôbre a cara e segura-se com uma máscara de gaze durante uma hora, em seguida lava-se a cara em água morna.

O pescoço deve merecer atenção e não ser desprezado, tôdas as noites deve fazer-se-lhe uma aplicação de «cold-cream» e de tempos a tempos aquece-se em banho-maria, uma porção de mel líquido, e, quando está morno faz-se com êle uma massagem ao pescoço de alto a baixo, lava-se em seguida com água morna.

A mulher que não têm cuidados com a sua beleza vê a murchar rapidamente a pele passar a perder a frescura da mocidade. Aquelas que se tratam cuidadosamente têm uma prolongada mocidade.

A marquesa de Pescara

É uma das mais interessantes figuras de mulher a de Vittoria Colonna, marquesa de Pescara. Filha do príncipe de Zagliaccozzo e neta, por parte da mãe do príncipe de Urbino, ela foi uma das mais célebres mulheres de Itália em 1500 pelo seu talento e inteligência e uma das mais veneráveis pela sua correcção e honestidade em todo o mundo.

Prometida dêsde a idade de 7 anos a Fernando de Avalos, marquês de Pescara, casou com êle aos dezasseis anos. A sua infancia passou-a em Ischia com a heroica defensora da Ilha Constança de Avalos, e com Beatriz de Aragão a desgraçada raínha da Hungria.

A menina considerava-se como uma noviça consagrada ao seu senhor e dedicou-lhe tal culto, que apesar dêle não ter sido um espôso de modelar fidelidade e ternura ela conservou-se-lhe fiel até aos últimos dias da sua vida.

Retirada em Nápoles, longe de seu marido, que guerreava continuamente nos exércitos de Carlos V, Vittoria Colonna, dedicava-se ao estudo e à leitura, levando uma vida de quási reclusa, vida em que o seu saber aumentou e a inteligência se desenvolveu muito além do costumado nas senhoras do seu tempo, e de todos os tempos.

O marquês de Pescara que realisou gloriosas façanhas e em cujos braços faleceu o célebre Bayard «Chevalier sans peur et sans reproche», morreu em conseqüência das feridas recebidas na batalha de Pavia, onde venceu Francisco I de França. A dôr e o abatimento da viuva inspiraram-lhe os contos em que se revelou tão grande poetisa, e, não tardou em alcançar uma grande glória que nenhuma outra mulher teve no seu tempo.

Foi inspiradora de pintores e poetas, mas Vittoria Colonna nunca se envaideceu de sua glória nem nunca tomou parte em festas e divertimentos. Entre as muitas paixões que inspirou, conta-se a de Miguel Angelo, a que correspondeu com uma amizade pura e espiritual como ela a concebia ao escrever: «Os sentidos não podem produzir a harmonia do amor puro. A chama resplandecente de meu coração transporta-me a tal altura, que pensamentos baixos ofendem-me».

Miguel Angelo tinha mais de sessenta anos e a sua horrivel fealdade exclúe tôda a idéa duma paixão carnal. Era uma amizade encantadora a do genial artista e da mulher austera, sábia, bela e delicada.

Vittoria Colonna, morreu em 1547 e Miguel Angelo que sofreu o tormento de a vêr expirar não teve ânimo de beijar as suas mãos frias e todo o rosto da sua vida lamentou nunca ter beijado o rosto adorado da mulher que única na sua época o fizéra amar.

A sedução

A maior parte das senhoras não compreendem porque é que têm um tão grande interêsse nas suas roupas, nos seus vestidos, nos seus chapéus, não compreendem porque tratam tão cuidadosamente a sua pele, a sua cabeleira, e, todos os seus desejos são tornar-se mais belas.

Se lhes perguntarem porque o fazem dirão: «E' por mim própria, pelo prazer pessoal de ser bela».

Mas no fundo isto não é bem assim, é pelo desejo tão feminino de agradar, êsse instinto de tôda a mulher que é bela e que sabe que o é, de seduzir o homem, com o seu encanto. Esta inconveniente necessidade de sedução não obedece a uma idéa preconcebida nem mesmo quere dizer que a mulher seja leviana ou pouco séria.

Na mulher mais profundamente honesta, naquela que é incapaz de faltar aos seus deveres e que nunca o fará existe êste inconveniente desejo de agradar que é talvez o que faz a sedução damulher e o seu encanto.

Receitas de cosinha

Caril: — Pica-se a cebôla, e, põe-se ao lume uma caçarola com azeite do melhor, se o caril fôr de peixe e manteiga de vaca, se fôr de galinha. Picada a cebôla deita-se na caçarolla com alho e pimenta; logo que a cebôla esteja alourada, junta-se-lhe salsa picada e passa-se êste refogado pelo coador, voltando para dentro da caçarola. Se fôr de camarão, deve dar-se ao camarão uma fervura para que largue a casca e pisam-se as cabeças num almofariz, deitando o suco que deixarem no refogado, para que êste se não pegue, juntando-lhe algum vinho branco ou água para o mesmo efeito.

Logo em seguida deita-se o camarão no refogado bem como os tempêros para o caril que são: açafrão e gengibre e caralomenos. Deve observar se que a porção do caril seja limitada para não ficar exageradamente picante. Quando o caril estiver pronto bem apurado passa-se à operação mais difícil, que é coser o arroz. Coze-se em água e sal deve ficar solto o arroz e o bago aberto.

Para a mêza vem o caril numa travessa e o caril noutra e cada um mistura com o arroz a quantidade môlho que lhe parece, segundo o grau de fôrça que quere. Para o caril de peixe o processo é o mesmo, cozendo-se o peixe no refogado.

Sendo de galinha ou qualquer outra ave a única diferênça é ser o refogado feito em manteiga de vaca em vez de azeite.

De mulher para mulher

Anciosa: — Êsse estado de anciedade é doentio, procure o médico e trate dos nervos.

A vocação para o teatro só póde ser ajuizada por artistas, conhecedores da vocação e necessita um curso no Conservatorio ou então uma decidida aptidão. Mas tudo isso me parece do estado de nervos. Não se esteja a moêr e a dar desgostos à família.

Violeta: — Não sei que lhe hei-de aconselhar na verdade, o tempo varía tanto, mas esperemos que virá o verão, já que uma parte da primavera falhou tanto, as cambraias usam-se imenso e fazem «toilettes» deliciosas para uma rapariga da sua idade. Bom tempo para a vestir é que não posso afirmar que tenha, têm sido um ano tão estranho.

Alda: — E' interessantissimo o que faz e êsse desenvolvimento da indústria caseira torna-se muito necessário no nosso país. Acho interessantissima a idéa que teve de instalar assim modernamente as suas vacas e de ter assim chegado a êsse resultado com os laticinios, felicito-a e creia que gostaria de saber que tôdas as senhoras que vivem em quintas, dão à sua vida essa feição tão prática, distraída e útil.

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.ª ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; Dicionário do Charadista, de A. M. de Sousa; Fábula, de Chompré; Adágios, de António Delicado.

APURAMENTOS

N.º 49

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

SODARGIL
N.º 25

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

OLEGNA
N.º 26

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 5, Veiga; n.º 21, Bisnau.

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 25 pontos:
Alfa-Romeo, Frá-Diávolo, Cantente & C.ª, Gigantezinho, José da Cunha, Silva Lima

QUADRO DE MÉRITO

Fan-Fan, 25. — Ti-Beado, 25. — Salustiano, 21. — Rei-Luso, 21. — Só-Na-Fer, 19. — Só Lemos, 19. — Sonhador, 19. — João Tavares Pereira, 18. — Lamas & Silva, 17. — Salustiano, 16

OUTROS DECIFRADORES

D. Dina, 12. — Lisbon Syl, 10. — Aldeão, 9

DECIFRAÇÕES

1 — Trapo-pola-trapola. 2 — Sagra-grado-sagrado. 3 — Lembra-brado-lembrado. 4 — Dobra-brado-dobrado. 5 — Simplesmente. 6 — Palhada. 7 — Pintado. 8 — Patada. 9 — Lúcia-lima. 10 — Voador. 11 — Senado. 12 — Risota-Rita. 13 — Andrajo-anjo. 14 — Finito-fito. 15 — Fachudo-fado. 16 — Pirata-pita. 17 — Az. 18 — Eulália. 19 — Amo-morar-amorar. 20 — Demo-morar-demorar. 21 — Domador. 22 — Amolar. 23 — Chapado. 24 — Risota-Rita. 25 — *Amada-Ada.* 26 — *Veio Deus a ver sem companhia.*

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

1) — Então não *percebo* disso?
«Até «*bato*» os campeões...
- Isso não será *garganta* ?... (22) 3.

Leiria — *João Ninguém*

2) *Ardi* de satisfação! E ainda sinto vibrar na minha *alma* os beijos da sua bôca *apaixonada!* (2-2) 3.

Lisboa — *Mad Ira*

3) — Aquele que *domina* os outros, empoleirado num *pâmpano com cachos*, acaba por ter um *entêrro pobre.* (2-2) 3.

Luanda — *Ti Beado*

NOVÍSSIMAS

4) Numa *paragem* só *o rústico* olha para as mulheres. 2-1.

Lisboa — *D. Campeador*

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 58

5) O *caule verdejante* plantado pelo *gaiato* já está crescido. 1-2.

Luanda — *Dr. Sicascar*

6) V. *desde* que se tornou «*mentiroso*» só pode residir em *águas-furtadas* ? 1-1.

Luanda — *Ti-Beado*

(A propósito da remilitarização da zona renânica)

7) O meu *pensamento* ficou «*um*» tanto *preocupado* com a audaciosa atitude alemã. 2-1.

Lisboa — *Vidalegre*

SINCOPADAS

8) A *maledicência* anda por tôda «*parte*»... 3-2.

Lisboa — *Dr. da Mula Ruça*

9) Já comi um *guisado de peixe* preparado a *cacete.* 3-2.

Luanda — *Dr. Sicascar*

10) Que *lucrativo* é negociar com o povo *lusitano!* 3-2.

Lisboa — *Dama Negra*

11) Acha então *chistoso* arrancar lhe os *intestinos* com uma facada? 3-2.

Coimbra — *José Tavares*

12) Nota-se logo o *insensato* no *ardor* da discussão.

Lisboa — *Stop (G. dos Verdes)*

13) Antigamente o *ladrão de gados* era um bom *agente.* 3-2.

Luanda — *Ti-Beado*

TRABALHOS DESENHADOS

21) ENIGMA FIGURADO

Biscaia-Albergaria-a-Velha — *Olegna*

TRABALHOS EM VERSO

ENIGMA

14) Era o Mota um bom rapaz,
Ao Sá sempre mui ligado,
Nunca sendo êste capaz
De vê-lo desamparado.

Se acaso o Sá precisava
De ir sòzinho a qualquer lado,
Ia, sim, mas não deixava
De ter o Mota o Sá pegado.

E fugindo o Sá do Mota,
Não tinha o Mota receio,
Levava tudo em chacota,
Tinha sempre o Sá no meio.

Crendo-se maior o Mota,
Tinha do Sá piedade.
Era o Sá bem mais janota,
Quando vistos na «*cidade*».

Lisboa — *Silva Lima (T. E. — L. A. C.)*

MEFISTOFÉLICAS

15) *Por alto preço* não quero,
Muito embora me apeteça
Esse *caldo* que venero...
Não estou tonta da *cabeça*... (2-2) 3

Lisboa — *Miss Diabo*

16) *Comida* mal temp'rada
Por quem tenha *papeira,*
Só dando-se um *bofetão*
Na lata da sopeira. (2-2) 3

Luanda — *Ti-Beado*

NOVÍSSIMA

(Retribuição e agradecimento a «Mad Ira»)

17) É um caso divertido
O que «Mad Ira» refere.
Oiça outro parecido,
Que também «mete» «*mulher*» — 3

Dois amigos, Braz e Flores,
Voltam dum «bródio» a casa...
Iam quais «lindos amores»
Com um «grãozinho na asa»...

Moravam no mesmo andar.
Chegando à porta, os vizinhos,
Cada qual entrou no lar,
A's escuras, caladinhos,
P'ra mulher não acordar.

Mas de manhã... que alarido
Ao abrirem a janela!
Que teria acontecido?
Coisa grave? *Bagatela*... — 2

Tontos pela bebedeira,
Tinham trocado as moradas!...
A morada... e a companheira.
As madamas assanhadas

Engalfinham-se nos dois.
Mas a pior embrulhada
Foi nove meses depois...
Dera «fruto»... a *patuscada!*...

Lisboa — *Sileno*

SINCOPADAS

18) Teu *suave* e doce olhar,
Tão mimoso e delicado,
E' tesouro muito *amado,*
Que jàmais posso olvidar. 3-2.

Coimbra — *José Tavares*

19) Não consegue *sossegar*
O meu peito sofredor,
Só por tanto te *estimar*
E te querer, meu amor! 3-2.

Colares — *Maria Luiza*

20) Se fôsse bem *generoso,*
Talvez que não recuasse
Teu peito um beijo ardoroso
Com amor na minha «*face*». 3-2

Lisboa — *Vina*

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUIZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

ACTUALIDADES INTERNACIONAIS

A derrocada do Império Etíope

No dia 5 dêste mês as tropas comandadas pelo marechal Badoglio entraram em Adis-Abeba, pondo assim pràticamente termo à conquista da Etiópia. Dois dias antes o Negus partira pela via férrea em direcção a Jibuti, onde embarcou no cruzador «Enterprise». A capital abexim foi, durante o lapso de tempo que medeou entre os dois acontecimentos, teatro das maiores atrocidades. Numerosas residências, incluindo o palácio imperial, foram saqueadas e incendiadas por bandos de amotinados. Tôdas as legações estrangeiras foram alvo de violentos ataques que tiveram de ser repelidos pela fôrça, registando-se algumas vítimas entre os europeus nelas recolhidos.

A gravura acima mostra um aspecto do avanço da coluna intaliana sôbre Adis-Abeba. Segundo o relatório do marechal Badoglio as três colunas que participaram nesta operação compunham-se de 100.000 soldados italianos, 10.000 indígenas da Eritreia, onze baterias de artilharia, um esquadrão de carros de assalto rápidos, e 1.600 camiões. Compreende-se bem que perante uma fôrça tão imponente a mal organizada defeza abexim fôsse fàcilmente desbaratada.

A fotografia que damos abaixo mostra uma cena impressionante, pouco antes de aniquilada a resistência abexim. Os guerreiros reunidos em Adis-Abeba clamam a sua decisão de deter o invasor e erguem as suas armas primitivas para o ceu, que os poderosos aviões de Roma, portadores de bombas e gazes asfixiantes, dominam com segurança.

O «homem-pássaro»

Clem Sohn, conhecido pelo «homem-pássaro», propõe-se voar pelos seus próprios meios. Inventou para isso uma indumentária especial, que nas gravuras acima se pode apreciar devidamente, e que dota cada um dos seus braços com uma asa. Estas asas ajuntam-se ao corpo por meio duma cintura de ferro e a sua envergadura é de dois metros e setenta. Constituem, portanto, uma base de sustentação, destinada a moderar a queda no espaço e a orientá-lo por meio de movimentos adequados. Uma tela que liga uma perna a outra completa o conjunto e serve-lhe de leme.

Clem Sohn experimentou o seu invento no dia 1 dêste mês, lançando-se dum avião à altura de 3.000 metros sôbre o aerodromo de Hamworth, em Inglaterra. Depois de ter evoluido no espaço por algum tempo, com uma notável precisão de movimentos, fez funcionar um para-quedas a 300 metros do solo e aterrou sem incidente. O inventor espera aperfeiçoar o seu invento de modo a poder aterrar directamente com as asas, sem recurso ao para-quedas. As imagens acima mostram as diversas fases da descida.

A QUINZENA DESPORTIVA

TERMINOU, com a vitória do Sport Lisboa e Benfica, o 2.º campeonato português das Ligas.

A regularidade dos resultados conseguidos através as muitas dificuldades da competição prova-nos que venceu o melhor, aquele dos candidatos ao triunfo que, durante os quatro meses do torneio, lutou com mais equilíbrio, e, talvez, empenhando também maior entusiasmo e brio desportivo.

Distanciado nas primeiras jornadas, o club das camisolas vermelhas prosseguiu com segurança a sua tarefa e recuperando o tempo perdido chegou ao final da estrada longe do alcance de qualquer dos adversários.

O campeonato, embora tenha sido financeiramente prejudicado pela invernia rigorosa que contribuiu para uma diminuïção apreciável do número de espectadores nos campos, alcançou um êxito idêntico ao da época anterior e tem jús a ser considerado em definitivo, como a mais importante competição do calendário português.

Quanto a nós, o regulamento que o rege apresenta, sob o ponto de vista desportivo, um único defeito: não estabelecer dum ano para o seguinte o direito de ascensão à 1.ª Liga ao vencedor da 2.ª Liga.

Por se tratar duma experiência, aceita-se que no primeiro campeonato se estabelecesse taxativamente quais os competidores admitidos à prova máxima; depois, porém, de verificado o interêsse que a prova despertou no meio, a liberdade de acesso a quem a conquistasse por valor próprio seria um novo atractivo para o público e um estímulo para os clubes que lutam no desejo de afirmar a sua classe.

O magnífico estádio de Wembley, com os seus 100.000 espectadores no dia da final da Taça de Inglaterra

O «Arsenal» cujo grupo conquistou esta época a Taça de Inglaterra sai do estádio levando o precioso trofeu

Foi o Olhanense, clube com tradições gloriosas, o vencedor do torneio da 2.ª Liga e não nos repugna aceitar que a sua presença ao lado dos melhores viesse a constituir elemento de agrado para os apaixonados do jogo da bola, em substituição doutro grupo de inferioridade técnica já sobejamente demonstrada.

Depois duma quinzena de intervalo, aproveitada para a visita do excelente grupo profissional inglês Bradford City, a época entra na sua última fase com a disputa do campeonato de Portugal, que reune os clubes mais categorizados do país.

Como é sabido, os adversários são escolhidos por sorteio, de forma que nunca é possível prever as probabilidades de melhor classificação; não é ousadia supor que ao título máximo apenas três candidatos se apresentam com sérias pretensões de êxito; Benfica, F. C. Porto e Sporting, os três primeiros da Liga.

Para qual penderá afinal a vitória é prognóstico a que nos não arriscamos, mas poucos serão aqueles, em Portugal, que não veriam com grande surpresa o triunfo dalgum outro competidor.

■

O Gimnásio Club Português tomou a iniciativa da organização dum Concurso de Gimnástica Educativa, cujas provas devem disputar-se ainda no decurso do mês de Maio corrente, segundo determinava o regulamento distribuído em meados do mês findo. As competições dêste género são sempre em princípio utilíssimas, aliando ao valor de incentivo para os professores e institutos um precioso efeito de propaganda junto da grande massa popular. É desculpável que, tratando-se duma primeira tentativa, o programa escolhido para o concurso apresente deficiências, que a experiência permitirá corrigir para futuro.

Dentro de tal critério as críticas devem ser benévolas, sobrepondo aos pontos discutíveis o reconhecimento das boas intenções que ditaram a empresa; mas, sem abandonar o campo construtivo, podem apontar-se sem reserva certas determinações que nos parecem prejudiciais ao êxito do concurso.

A primeira, a mais contrariante e que se presta a interpretações extranhas, é aquela que estabelece a data da realização das provas. Anunciar de improviso uma competição de tamanha responsabilidade, apenas com um mês escasso de antecedência, coloca em posição embaraçosa os professores que a não esperavam e se vêem na impossibilidade material de preparar um esquema e uma classe que possam competir, sem deslustre, com aquelas que, por certo, estão sendo preparadas de longa data por outros professores com conhecimento antecipado do projecto, porque os há em tais condições. Paira, assim, sôbre a organização do concurso, uma atmosfera de favoritismo, de propósito de servir interêsses pessoais, cujas conseqüências serão o fracasso da ideia, em si tão interessante.

Oxalá nos enganemos, mas muitos professores e bastantes instituïções de nome consagrado, evitarão inscrever-se e, infelizmente, com razões fundamentadas. Seria curioso que o clube organizador fôsse o primeiro a faltar em algumas categorias!

Também nos parece pouco justa a inclusão de tôdas as classes infantis numa categoria única.

As classes constituídas por alunos dos estabelecimentos de ensino ou assistência, com internato, encontram-se em condições de preparação muito mais favoráveis do que as classes de externato, onde as crianças se renem duas a três vezes por semana, durante uma hora escassa.

Os organizadores deviam ponderar que, perante o público desconhecedor dêstes pormenores, a diferença de valor nas exibições será julgada apenas como conseqüência de desnível pedagógico dos respectivos professores; e o receio de que assim suceda afastará alguns possíveis concorrentes que não quererão sujeitar-se a servir de peanha às ambições de colegas mais favorecidos.

■

A Taça de Inglaterra, a mais categorizada competição do football mundial, foi êste ano conquistada por um dos clubes ingleses de maior reputação: o Arsenal.

O torneio da Taça de Inglaterra foi disputado pela primeira vez em 1871, pelo Wanderers, graças ao único ponto marcado durante a partida, coisa idêntica ao sucedido êste ano. Os "scores» raras vezes foram numerosos, e êste resultado de 1-0 verificou-se vinte vezes nas sessenta e duas finais efectuadas.

Durante a grande guerra esta prova sofreu, como todas as manifestações desportivas, uma forçada interrupção; no entanto foi ainda organizada em 1915 e ganha pelo Sheffield United, o club que êste ano foi derrotado.

Há na história do torneio da "England Cup», pormenores curiosos; os grupos que mais vezes foram seus detentores, triunfando cada um dêles seis anos, foram o Aston Vila e o Blackburn Rovers, os quais ambos baixam esta época da primeira para a segunda Liga por haverem sido os derradeiros classificados da competição.

A maior afluência de público, de que há memória teve lugar no final de 1923. Milhares de pessoas romperam o serviço de ordem, arrombaram vedações e portas e invadiram o estádio instalando-se em todos os pontos, inclusivamente no terreno. Calcula-se em duzentos mil o número de espectadores entrados e o jogo começou com uma hora de atraso, esperando que a policia expulsasse alguns milhares de indivíduos; apezar disso, apenas ficou livre o espaço correspondente ao rectângulo de jogo, sentando-se espectadores até ao limite das linhas limites laterais e das cabeceiras.

A confusão à entrada foi de tal ordem que houve tres mortes e algumas centenas de feridos, muitos dos quais gravemente.

■

A terceira prova do calendário ciclista, disputada num percurso de cem quilómetros e pela fórmula contra-relógio, decorreu com extraordinária animação e provou a melhoria de classe dos nossos especialistas.

Seis homens bateram o antigo récord da distância e o vencedor, José Marquez, actual campeão de Portugal, portou-se como um autêntico campeão obtendo uma média de valor internacional para a categoria, 35,^{km}200 por hora.

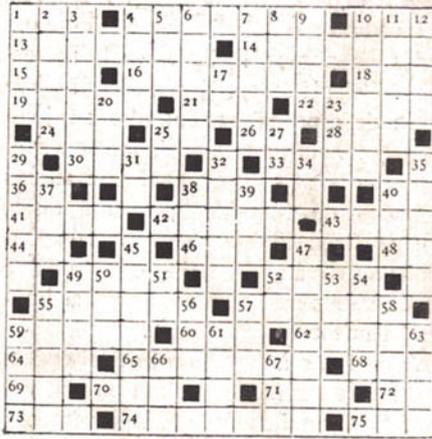
Depois de Marquez, Trindade e Nicolau estabeleceram-se em 2.º e 4.º lugar, separados por Felipe de Melo que foi, portanto, o melhor "aspirante a campeão».

Salazar Carreira.

Na corrida de 100 quilómetros, ganha por Joaquim Fernandes, do Sporting, a passagem pela ponte das Carvoeiras é um dos mais lindos panoramas do percurso

Palavras cruzadas

(Passatempo)

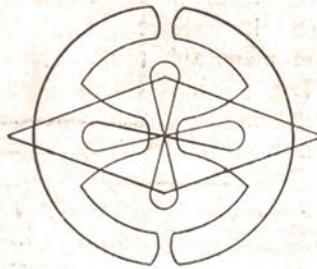
1	2	3	■	4	5	6		7	8	9	■	10	11	12
13							■	14						
15			■	16			17				■	18		
19			20		■	21			■	22	23			
■	24			■	25		■	26	27	■	28			■
29	■	30		31		■	32	■	33	34			■	35
36	37	■	■		■	38		39	■		■	■	40	
41				■	42					■	43			
44		■	■	45	■	46			■	47	■	■	48	
	■	49	50		51	■		■	52		53	54	■	
■	55					56	■	57					58	■
59					■	60	61		■	62				63
64			■	65	66				67		■	68		
69		■	70			■		■	71			■	72	
73			■	74							■	75		

Horisontais:

1 — Progenitor; 4 — Raiz comestível; 10 — Animal doméstico; 13 — Tolice; 14 — Seduzir; 15 — Nome de homem; 16 — Insecto da ordem dos ortópteros (plural); 18 — Do verbo ser; 19 — Nome duma ilustre poetisa brasileira; 21 — Um dos pecados capitais; 22 — Amolar, tornar cortante. 24 — Três vogais, sendo iguais as duas últimas; 25 — Espécie de pão, dôce; 26 — Vi num livro; 28 — Parte duma roda, moldura; 30 — Faz andar o barco; 33 — Manifestação de alegria; 36 — Artigo; 38 — Símbolo da fidelidade, o mesmo que 10 horisontal; 40 — Animal batráquio; 41 — Rio de França; 42 — Reptil venenoso; 43 — Deusa egípcia; 44 — Elemento indispensável à respição; 46 — Curso de água; 48 — Ditongo; 49 — Fruta de apreciado sumo (plural); 52 — Nome do primeiro rei dos israelitas; 55 — Arremeças, lanças; 57 — Pesados, espessos; 59 — Nome do mais célebre rei dos Hunos; 60 — Ocasião, oportunidade; 62 — O que fazem os cães ao serem magoados; 64 — Suco dôce; 65 — Cano que recebe as águas dum telhado; 68 — Fracção mínima do sistema monetário português; 69 — Conjunção; 70 — Infortúnio; coisa que não presta; 71 — A mãe do género humano; 72 — Tratamento real; 73 — Iniciais duma grande república americana; 74 — Província da Rússia; 75 — Do verbo unir.

Verticais:

1 — Remunerado; 2 — Albergue; 3 — Prender, ligar; 4 — Margem; 5 — Pedra de altar; 6 — Metaloide; 7 — Nascimento; 8 — Exclamação, saüdação; 9 — Tributo, contribuïção; 10 — Irritação de pele devida ao frio; 11 — Nome dum sumo sacerdote hebreu; 12 — Resar; 17 — O mesmo que 44 horizontal; 20 — Do verbo ir; 23 — Nota de música (plural); 25 — Nota de música; 27 — Seguir; 29 — Espaço, povoação pequena; 31 — Maldosa; 32 — Parte da face; 34 — Do verbo ir; 35 — Episódios, sucessos; 37 — Oceano; 38 — Impressão que recebemos pela vista; em política: modo de pensar; 39 — Reso; 40 — Embocadura de rio; 45 — Cidade capital de Venezuela; 47 — Do verbo zangar; 49 — Prestável; 50 — Despresível, velhaco; 51 — Apelido; 52 - Catedral; 53 — Do verbo usar; o mesmo que 73 horizontal; 54 — Tecido usado em velas de barcos; 55 — Descrentes; 56 — Tempero; 57 — Do verbo doer; 58 — Sete em inglês; 59 — Do verbo amar; 61 — Tapume feito de plantas; 63 — Peça de aço muito usada em estôfos; 66 — Indicação de lugar; 67 — Soberano.

Desenho a traço contínuo

(Passatempo)

Mais uma figura para ser desenhada a traço contínuo sem cruzar linhas nem passar duas vezes pela mesma.

A dona dos dêdos bonitos

O número de fotografias tiradas a uma rapariga americana que tem apenas 22 anos passa já de 4.500, e isto, graças aos seus dêdos bonitos. Os vendedores de tabaco e cigarros na América, fôram os primeiros a fotografá-la para réclame dos seus cigarros e alcançaram grandes lucros com o réclame dos «dêdos bonitos».

Nessas fotografias, a dita rapariga americana chamada *Jeraldin Carboi*, segura tão graciosamente o cigarro entre os seus formosos dêdos que todos os fumadores se sentem atraídos e procuram adquirir os cigarros daquela marca, apresentada pelos «dêdos bonitos».

Ultimamente, foi ela em gôso de férias, descansar um pouco a Londres, sendo aí visitada pelos jornalistas, os quais depois de a terem por várias vezes, entrevistado, acabaram por compreender que, embora fornecesse tão esplêndido réclame para os negociantes de tabaco e cigarros e promovesse assim a venda dêstes artigos, essa rapariga nunca, na sua vida tinha fumado um único cigarro!

O patrão: **— Ouça lá, o que lhe dizia o dono da casa onde esteve ultimamente empregada, quando a menina se demorava mais duma hora a almoçar?**
A nova dactilógrafa: **— Dizia assim «não acha que será conveniente irmos voltando para o escritório, agora?»**

(Do *Humorist*).

Qual a origem da continência militar

A continência militar têm uma origem comum com o nosso hábito de apertar a mão, e ambos datam dos tempos em que, geralmente, todos os homens andavam armados. Quando dois homens se encontravam, em bôa paz, cada um dêles levantava a mão direita para mostrar que não trazia arma e que se podiam aproximar em segurança. Quando os civis deixaram de trazer armas, continuou o hábito de levantar a mão direita, em fórma de saudação. Tornou-se, depois, costume tocar nas mãos e finalmente, passou-se ao aperto de mão, tal como o conhecemos.

No caso daquêles que continuavam a usar armas — os militares — o levantar da mão tornou-se uma questão mais grave, resultando daí a actual continência cerimoniosa.

O mar vermelho

Os habitantes da Califórnia assistiram ultimamente a um fenómeno que se manifesta de sete em sete anos, aproximadamente. Ao largo da baía de S. Diogo, o mar tornou-se completamente vermelho num espaço de cinco quilómetros pouco mais ou menos.

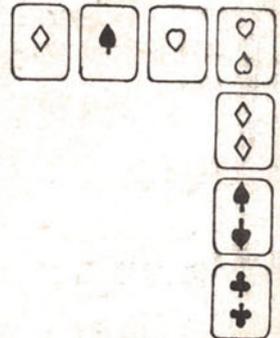
Antigamente, atribuia-se êsse fenómeno a uma influência ora divina, ora satânica. Hoje, está provado que são milhões de infusórios microscópicos que desabam sôbre o mar e lhe dão aquela côr, de um vermelho vivo. Êsse fenómeno dura, em geral, cêrca de dez dias. Duraria mais e até mesmo sempre, se os infusórios continuassem a multiplicar-se, mas êstes não tardam a serem absorvidos pelos peixes de todos os géneros que povoam o oceano e mesmo por insectos maiores e mais fortes.

A maior flôr do mundo

A maior flôr do mundo é a *Raflesia Arnoldi*, que se cria em Sumatra. Têm 90 centimetros de diâmetro, o que vêm a ser quási o tamanho de uma roda de carruagem. As cinco peças desta imensa flôr são ovaladas e de um branco creme. Os estames que ela têm no centro são numerosos e côr de violeta.

A flôr pesa mais de 7 kilogramas. Os seus botões são do tamanho de enormes repôlhos.

As oito cartas

(Solução)

Colocou-se o 2 de copas *em cima* do Az de paus, ficando assim 5 cartas em cada uma das duas linhas rectas!

Bridge

(Solução do número anterior)

S joga o Az de ouros e *N* o Valete de ouros.

S joga 10 de espadas que *N* corta e joga 8 de copas.

Qualquer que seja a balda de *E*, *S* balda-se a 10 de paus e *O* a qualquer carta.

N joga o Az de paus e consoante as baldas de *E* e de *O*, joga paus ou ouros, fazendo *N* e *S* as restantes vasas.

Um livro aconselhavel a toda a gente

A SAÚDE A TROCO

de um quarto de hora de exercício por dia

O MEU SISTEMA

POR **J. P. MÜLLER**

O livro que mais tem contribuido para melhorar físicamente o homem e conservar-lhe a saúde

O tratado mais simples, mais razoavel, mais prático e útil que até hoje tem aparecido de cultura física

Eficaz e benemérito

verdadeira fonte de saúde e de bem estar físicos e morais

1 vol. do formato de 15×23 de 126 págs., com 119 gravuras, explicativas, broch. . . . **8$00**

pelo correio à cobrança **9$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Quando ao gavião cai a pena

1 vol. de 272 págs. **Esc. 12$00;** pelo correio à cobrança **Esc. 13$50**

Pedidos aos Editores **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73 — LISBOA